



**espero
te encontrar
nos meus
sonhos**

chloé brune

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES – PPGCA

espero te encontrar nos meus sonhos

Chloé Brune Braga Fernandes

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, Área de Concentração Estudos Contemporâneos das Artes, Linha de Pesquisa Lugar – Política – Institucionalidades.

Orientador

Prof. Dr. Luiz Sérgio de Oliveira

Niterói

2024

espero te encontrar nos meus sonhos

Chloé Brune Braga Fernandes

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, Área de Concentração Estudos Contemporâneos das Artes, Linha de Pesquisa Lugar – Política – Institucionalidades.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Sérgio de Oliveira
(Orientador)
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Dr. Luiz Guilherme Vergara
(Membro Interno)
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof.^a Dr.^a Elisa de Magalhães
(Membro Externo)
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

aos encontros

aos desencontros

e aos reencontros

ESPERO TE ENCONTRAR
NOS MEUS SONHOS

chegar até aqui foi uma jornada repleta de desafios, mas também de aprendizados e conquistas. muitas foram as contribuições que tornaram possível a realização deste trabalho.

agradeço, primeiramente, à minha mãe, por tudo! você é minha primeira e maior referência de que sonhar pode transformar realidades.

às minhas amigas, Alison, Beatriz, Juliana, Victoria e agregados, agradeço por sempre estarem ao meu lado. sem vocês eu não saberia o real significado de amizade.

à Marianna Gomes, meu amor, agradeço pelo cuidado, amor e companheirismo. estar com você é viver e realizar uma infinidade de sonhos.

agradeço também a todos da caravana rumo à primeira marsha trans BR, especialmente a Taliboy e Rai, por toda a troca e apoio durante o longo percurso, vocês foram determinantes para o início do meu processo de harmonização.

à C.R., pelo encontro e desencontro que tanto contribuíram para minha pesquisa-vida.

às parcerias de turma, Caroline Valansi, Camilla Braga e Rafael Mayer, pela troca durante toda a pesquisa de mestrado. agradeço especialmente à Marcelle Ferrete, pela parceria em sala de aula e pela amizade fora dela.

às alunas, alunas e alunos de graduação em Artes da UFF, que participaram das disciplinas em que estagiei e, de diversas formas, contribuíram para este trabalho e para firmar minha paixão pela docência.

aos docentes do PPGCA-UFF, em especial à Jessica Gogan, pelos ensinamentos e trocas ao longo dessa jornada.

à CAPES, pelo financiamento concedido, que tornou possível a realização desta pesquisa-vida por dois anos.

à Caroline Alciones, pelos encontros pontuais, sempre ricos em acolhimento, que renovaram minhas energias para seguir acreditando nesta pesquisa.

ao meu orientador, Luiz Sérgio de Oliveira, que me acompanha e incentiva desde a graduação. sem sua orientação e apoio constante, eu não teria sido capaz de vislumbrar chegar até aqui - e agora, sonhar além.

por fim, agradeço a todes que sonharam antes de mim, para que eu fosse capaz de estar aqui hoje. seguirei sonhando por nós.

E se eu consegui sair dali e me desbinarizar, se consegui sobreviver a essa violência e viver uma vida diferente daquela que havia sido traçada para mim, então posso dizer que os sonhos de vocês também são possíveis.

(Preciado, 2023)

espero te encontrar nos meus sonhos

é o emaranhado poético que tece minha pesquisa-vida e transita no campo onde arte, sonho e gênero se encontram. entre relatos, pesquisas, experimentações e ensaios, este trabalho aspira tensionar os binarismos (real/ficção, homem/mulher, frente/verso etc.) através da fabulação. sob a perspectiva de pessoas dissidentes, fabular, sonhar, ficcionar, imaginar e inventar são meios para expandir e recriar a realidade que nos é dada.

arte; ficção; queer.



As noções acerca do corpo humano, historicamente, acompanharam os avanços e os limites do conhecimento. O conceito de corpo perpassou por diversas transformações, dependendo da época e do lugar. Porém, sempre esteve diretamente vinculado com a política e a regência dos corpos para dominação, submissão e/ou exploração. A partir dessas premissas, este trabalho busca investigar a trajetória de exploração dos nossos corpos, evidenciando que o corpo humano passa constantemente por processos de (re)descobertas.

Desde a medicina dos humores até as inovações da biotecnologia contemporânea, incluindo a criação de regimes normativos, procedimentos cirúrgicos e técnicas disciplinares, o conhecimento acerca do nosso corpo é, por excelência, um fenômeno histórico. Ele está intrinsecamente ligado aos temores e aspirações de cada época, cultura e grupo social. Ademais, a complexidade do corpo transcende as fronteiras da ciência, permeando também o campo das artes, da ética, da filosofia e das dinâmicas sociais. Dessa forma, podemos constatar que o corpo é um território em constante exploração,

um emaranhado complexo que jamais se desfaz por inteiro. Cada tentativa de desvendar seus mistérios, assim como compreender seus significados, quer sejam biológicos ou culturais e sociais, desencadeia tanto em respostas quanto em novas incertezas.

O entendimento acerca do corpo é costurado e influenciado por diferentes contextos históricos, culturais e científicos. Cada período contribuiu com suas próprias interpretações e respostas para os mistérios do corpo humano, refletindo não apenas tentativas de desenvolvimento da medicina, mas também dos desejos, das crenças e das aspirações presentes na sociedade. Nesse sentido, a tentativa de criar uma história do corpo ou mesmo uma narrativa que abarque as inúmeras pesquisas conduzidas sobre ele pode ser não apenas desafiadora, mas também, em certa medida, impossível; seguramente não é a perspectiva ou os objetivos deste trabalho.

Por conta do árduo desafio de fagocitar epistemologias acerca do corpo, serão abordados alguns recortes distintivos e

decisivos do conhecimento sobre ele, que culminaram nas noções de corpo das décadas mais recentes do século XXI.

Não visou explorar exhaustivamente as noções apresentadas, mas situar a historicidade de algumas redescobertas do corpo que são consideradas fundamentais para compreender suas investigações. A partir disso, pretendo destacar autorias e correntes que revelem os paradoxos intrínsecos ao interesse contemporâneo pelo corpo. Ao delinear os momentos pontuais das noções do corpo, investigaremos não exclusivamente a evolução dos conhecimentos anatômicos e fisiológicos, mas principalmente as mudanças nas percepções sociais e culturais em relação ao corpo. O objeto é focar nas narrativas corporais onde o corpo é concebido não apenas como um objeto biológico, mas como um território de significados múltiplos e complexos, moldado pelas interações sociais, pelas influências culturais e pela experiência individual.

Dessa forma, ao explorar as noções do corpo, buscaremos não apenas oferecer uma visão das abordagens

e tendências predominantes, mas também apontar a importância de compreendermos a historicidade do corpo como um reflexo das transformações sociais e intelectuais de nossa própria humanidade.

Na contemporaneidade, o interesse pelo corpo tem despertado debates complexos e reflexões profundas sobre a identidade, o desejo, a vida e a condição humana em geral. O corpo, agora, emerge como um palimpsesto multifacetado, cuja compreensão transcende as fronteiras do tempo e do espaço, revelando-se como uma entidade essencial para as reflexões contemporâneas sobre quem somos e como nos relacionamos com o mundo que nos cerca.

fui dormir hoje com a cabeça explodindo. muita coisa tem acontecido nos últimos tempos e penso que não estou conseguindo dar conta de tudo. nem sempre consigo lidar com meus próprios sentimentos, então eu os escondo. costumo esconder eles tão bem que até eu encontro dificuldades para os acessar depois. consigo ficar um bom tempo vivendo como se não carregasse a maior parte desses sentimentos. penso que isso é alguma forma de defesa. mas defesa de que?

me revirei algumas vezes durante essa noite. alguma coisa estava acontecendo comigo. não consegui despertar, mas tinha a sensação de estar consciente. sem perceber bem os contornos, fui revirando as entranhas do real. não conseguia enxergar onde estava transitando. estendi minhas mãos para encontrar pistas. busquei qualquer coisa que pudesse tatear. nada. não conseguia sentir nada. não só minhas mãos, mas toda a extensão do meu corpo estava em uma espécie de suspensão. como se tudo estivesse dormente.

eu sabia que tinha um corpo, mas não conseguia sentir ele tocar absolutamente nada. é uma sensação muito estranha. bem angustiante. não sentir nada. penso se é essa a sensação de ter morrido. eu morri? não. morrer é não sentir mais nada. ainda vivo. então o que está acontecendo comigo?

imaginei então que precisaria investigar por dentro. voltei meus olhos para trás na tentativa de enxergar o que se passava por lá. comecei então a ver o que estava acontecendo. meu corpo havia começado a produzir linhas. como? não sei como nem quando isso começou, mas pela quantidade, já deveria estar produzindo há algum tempo.

como eu não me dei conta antes, os fios não eram expelidos e então começaram a se enroscar. estava tudo embolado e cheio de nós. um completo caos. a própria linha procurava fazer seu percurso para sair dali, mas não conseguia. cheguei a fazer cortes em minha carne para rastrear a ponta desse fio que se instalou por todo meu corpo.

percebi que elas eram produzidas na minha cabeça. Grande parte se instalou no meu tórax. penso que elas tinham o poder de me matar, mas não o fizeram. buscavam apenas sair dali. encontraram um caminho pelo meu sistema digestivo, mas meu corpo não conseguia digerir. meus órgãos foram então empurrando a ponta do fio para minha garganta a fim de vomitar todo esse emaranhado.

uma parte do que havia sido produzido estava alojado em minha garganta. agora começo a entender por que estava com tanta falta de ar e que me alimentar vinha sendo uma grande dificuldade. a passagem estava quase que completamente obstruída. comecei a forçar minha garganta para expulsar aquele bolo de nós que se formou. não funcionou.

eu já estava em completo estado de esgotamento. só desejava que tudo isso chegasse logo ao fim. cogitei cortar o fio. me parecia uma solução melhor do que ter que dar conta de desfazer todos esses nós. só queria que tudo isso chegasse ao fim. desejava que tudo não passasse de um pesadelo.



parei um tempo para reunir forças.

abri bem a boca e levei meus dedos até a garganta. na mesma hora lembrei que precisaria virar meu corpo. aprendi isso quando era mais jovem e fazia parte do movimento escoteiro. nessa época aprendi algumas coisas, entre elas, primeiros socorros. então, se eu vomitasse de barriga pra cima, corria o risco de sufocar nesse processo. me virei.

agora de lado, voltei novamente com meus dedos para a garganta. senti um enorme desconforto. Isso para dizer o mínimo. mas não tive dificuldade em alcançar a ponta da linha. estava quase na minha boca. apertei o fio entre as pontas dos meus dedos e comecei a puxar lentamente. apesar de estar com toda cautela do mundo, comecei a sentir muita dor. mal havia começado e pensei em abandonar o processo.

fiquei me perguntando o que aconteceria se eu não tivesse percebido naquele momento o que estava se passando dentro de mim. agora entendo que meu corpo havia mandado todos os sinais possíveis de que algo estava diferente. ignorei cada um. acreditei que ignorando, faria desaparecer. me enganei. só acumulou. e agora preciso lidar com tudo de uma vez.

tive receio do que aconteceria com a linha quando eu começasse a puxar. só conseguia imaginar toda aquela linha se enroscando no meu coração como uma cobra que sufoca sua presa até que não haja mais vida. como eu conseguiria tirar toda a extensão da linha sem que isso acabasse comigo?

tentei calar meus pensamentos para focar no que precisava ser feito. voltei a puxar lentamente aquela pontinha que estava entre meus dedos. a dor era tanta que comecei a ter uma sensação de desmaio. se eu já não tivesse certa familiaridade com a sensação, talvez tivesse que fazer uma outra pausa. mas segui retirando calmamente um milímetro de cada vez.

conforme ia puxando aquele material, tomava mais consciência sobre ele. conseguia sentir toda sua extensão por dentro do meu corpo. agora enxergava melhor o caminho percorrido e cada um dos nós. uma outra coisa que aprendi quando frequentava o grupo escoteiro era a fazer nó. fazer e desfazer, na verdade. aprendi que uma das principais características de um bom nó era que ele pudesse ser feito e desfeito com rapidez. Isso não significa que seria desfeito sozinho ou com facilidade. exigia habilidade e eu havia dominado bem essa técnica.

bastava puxar o lado certo que o nó ia se desfazendo. fui aprendendo a lidar com a dor desse processo. não era bem suportar. eu não suportava. mas desvendar o que estava acontecendo me mantinha firme para seguir. nessa altura eu já não me questionava se deveria parar o processo. sabia que precisava continuar.

fui me conectando com a linha e funcionando junto com ela. da linha comecei a entender que era produzida durante a noite e

somente durante o dia ela iniciava o percurso para sair do meu corpo - que estava funcionando como uma máquina. percebi que a quantidade produzida durante a noite dependia das minhas experiências durante o dia anterior. tudo poderia afetar.

memórias;

planos;

lembranças;

diálogos;

encontros...

acredito que além da quantidade produzida, a espessura do fio também estava ligada aos acontecimentos diurnos de minha vida. o fio produzido não tinha cor, mas acabava por ser tingido no percurso para fora do meu corpo. o tom poderia variar, mas era sempre próximo de um vermelho vivo.

penso que o desafio agora é dar conta desse material.





A constatação de que o corpo é um território múltiplo e incessantemente explorado o torna vital para a construção e organização das sociedades. Visto que as análises históricas das comunidades, geralmente, têm como premissa a divisão sexual. Ser humano e viver em comunidade é, antes de mais nada, ser homem ou ser mulher. Assim, a partir do corpo surge o sexo.

Durante a Antiguidade, mais especificamente na Grécia Antiga, desenvolveu-se a noção do “sexo único”, conceito que constituiu e consolidou a relação hierárquica entre homem e mulher. Mesmo com mudanças no decorrer da história essa relação perdura até os dias atuais. Veremos a seguir os dois principais nomes que deram base para o conceito de “sexo único” sob a análise crítica feita por Thomas Laqueur. O primeiro foi o filósofo Aristóteles, que desenvolveu as ideias fundamentais, e o segundo foi o médico grego Cláudio Galeno, que formulou a versão final da teoria. Este modelo vigorou até o final do século XVIII.

Aristóteles, no Livro I da “Política”, apresenta e defende que “a relação entre homem e mulher é de permanente desigualdade”. Para isso, o argumento usado pelo filósofo é de que existem processos naturais entre os seres humanos nos quais um não pode existir sem o outro, ou seja, pares pré-definidos como contrários e complementares. E, por serem processos naturais, eles ocorrem desde o princípio. Um desses processos, e o mais caro a este trabalho, é o caso da fêmea e do macho, admitindo assim, a existência de dois sexos. De acordo com ele, um precisa do outro para procriar, assim como nas plantas e nos animais, a necessidade de gerar progenitores é um desejo natural e não uma escolha. Ademais, o argumento utilizado para diferenciar os sexos, diferenciar o homem e a mulher, se dá através da metafísica e não de construções sociais ou dos corpos biologicamente materializados. Assim, a diferença era vista como uma “verdade natural”. Ou até mesmo uma verdade que antecede a própria verdade natural, pois a concepção aristotélica de natureza estava diretamente ligada à ordem do divino e do imaterial, diferenciando-se da concepção contemporânea.

Dessa forma, Aristóteles denominou que no homem havia a “causa eficiente” (o espermatozoide, que contém a substância que dá a vida) e na mulher a “causa material” (capacidade de gestar, dar forma a vida). Portanto, é possível compreender que para Aristóteles, o homem e a mulher eram predefinidos, opostos e complementares.

Contudo, Thomas Laqueur (2001) ao analisar a concepção aristotélica dos corpos masculinos e femininos como opostos, observou que para Aristóteles os homens e as mulheres eram classificados a partir do grau de sua perfeição metafísica. Não havendo, portanto, uma oposição, e sim uma hierarquia.

Sobre Cláudio Galeno, Laqueur observa que o médico utiliza os argumentos aristotélicos para desenvolver sua “teoria dos humores” e do “sexo único”. A teoria dos humores apresenta que o instrumento básico da natureza é o calor, mais especificamente, seu excesso. E a partir de sua distribuição a humanidade seria mais perfeita que os demais animais, e dentro da humanidade, o homem mais perfeito que a mulher.

Pois os seres humanos são mais quentes que os animais e os homens mais quentes que as mulheres (Laqueur, 2001). O argumento dado pelo médico grego foi embasado em seu modelo de identidade estrutural dos órgãos reprodutivos, tanto do homem como da mulher. Segundo ele, as mulheres eram essencialmente homens invertidos, e, portanto, menos perfeitas. Também eram classificadas assim pois durante o processo na qual elas eram geradas, havia a ausência do humor quente, fator que acarretaria na retenção interna das estruturas genitais.

Neste sentido, o argumento do médico evidenciava as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, como também diferenciava o masculino do feminino. Porém, não interpretava o que via como diferença de qualidade entre espécies naturais, e sim como diferença de graus em uma mesma espécie. Ou seja, havia apenas um sexo, onde os corpos masculinos e femininos eram hierarquicamente ordenados. Como observado por Berenice Bento (2017a), até o século XVII os anatomistas trabalhavam com a perspectiva do isomorfismo, ou seja, um único sexo. A noção de dois sexos,

que para a contemporaneidade é a base para a regulação de gênero, não existia.

É somente no final do século XVII, que ocorre a mudança do isomorfismo para o dimorfismo (dois sexos). Essa transição se deu através das novas formas de interpretação dos corpos, tendo como principais causas as revoluções epistemológicas e sociopolíticas. E como consequência, a rediscussão do estatuto social do homem e da mulher. Os órgãos sexuais, que para o isomorfismo eram vistos como estruturas iguais, para o dimorfismo são compreendidos como diferentes, e a partir desta diferença surge o homem e a mulher social (Laqueur, 2001).

O modelo dos dois sexos, dimorfismo, passou a ser hegemônico. Os homens e as mulheres foram vistos a partir de comparações de descontinuidade/oposição e não como na Antiguidade (continuidade/hierarquia). Laqueur observou que a diferença passou de grau para espécie e o objeto científico utilizado para corroborar a natureza diferente dos seres humanos foi o corpo.

O domínio dos homens sobre o mundo público era sustentado por uma percepção de perfeição vinculada à intensidade do calor, em vez de uma distinção de natureza. Consequentemente, à medida que a ordem social passa a ser vista como uma mera convenção, perde-se uma base sólida para manter homens e mulheres em papéis distintos. Nesse contexto, tanto as ciências biológicas quanto as sociais desempenharam um papel ao reafirmar a supremacia masculina, ao sugerir que a relação entre homens e mulheres é natural, inevitável e progressiva, determinada pelas diferenças de seus corpos.

Outra temática que surgiu nessa época, no iluminismo, foi a vinculação do sexo e da sexualidade aos estudos dos corpos, todos tendo como teoria a biologia. A nova concepção do sexo gerou a reconstrução dos sujeitos, homem e mulher, em suas diferenças de espécie. E a inédita noção da sexualidade foi utilizada como discurso científico com o objetivo de legitimar a ordem social, como os homens e as mulheres devem viver e se relacionar.

Dessa forma, também são criadas as marcas naturais dos corpos. Ou seja, corpos sexuados que devem seguir regras naturais, que ditam como devemos habitá-los. Sendo a principal dela, a genitália. Com o corpo feminino marcado para a maternagem (privado) e o masculino para a guerra (público). Esses dois corpos, dois opostos, têm como *filho* o modelo normativo de heterossexualidade. E tudo que foge ao modelo heteronormativo é, tendo como fundo o discurso científico, patológico: um corpo marcado pela natureza de forma errada.

As marcas corporais da diferença sexual criam um abismo na sociedade entre homens e mulheres. As feministas anglo-saxãs, ao perceberem o abismo, visaram formular uma teoria de opressão das mulheres e difundiram o termo gênero nos anos 1980. O termo teve como o intuito diferenciar-se do sexo, evidenciando o caráter social do gênero. Desse modo, o sexo passou a ser entendido como uma diferença biológica e o gênero como uma diferença cultural dos corpos. O gênero foi uma ferramenta que proporcionou a compreensão das relações entre homens e mulheres no decorrer da história e das construções sociais que sustentam essa diferença.

Porém, Judith Butler, no livro *Problemas de gênero*, publicado nos anos 90, provocou uma revolução nas bases feministas ao questionar a diferenciação entre sexo e gênero, juntamente com a razão da categoria “mulheres” ser o sujeito do feminismo. Butler também apontava para a chamada “heterossexualidade compulsória” imposta pelas instituições reguladoras do poder. Assim, são as instituições que moldam os corpos-homens e os corpos-mulheres. Além de perceber que as instituições são as formadoras do gênero, Butler identifica as estruturas binárias que rodeiam a sociedade. Segundo ela, os opostos sexo/gênero e natureza/cultura foram decisivos para a noção de que o sexo seria natural e o gênero seria social. De acordo com Butler "talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula" (Butler, 2021, p.27), indicando que tanto o sexo como o gênero são culturais e não naturais.

Outra análise feita por Butler é de que os corpos, ao serem reiterados continuamente pelas instituições e pelas normas culturais, adquirem sua aparência de gênero. A autora chamará isso de performatividade de gênero:

a performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como uma prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. O que, eu espero, se tornará claro no que vem a seguir é que as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (Butler, 2019, p.195)

Além disso, ela evidencia que a materialidade dos corpos é formada por diversos fatores, sendo um deles a performatividade. Em outras palavras, Butler entende os corpos como o resultado das dinâmicas de poder, onde a construção do sexo governa a materialidade dos corpos e a heteronormatividade define quais corpos são humanizados e quais serão considerados abjetos.

Quando o médico anuncia: "É um menino!" ou "É uma menina!", ocorre uma invocação performativa que, nesse instante, estabelece um conjunto de expectativas e suposições em relação ao corpo em gestação. É em torno dessas suposições e expectativas que se delineiam as performances de gênero. As suposições buscam antecipar o que seria

considerado mais natural e apropriado para o corpo em questão. Partindo da noção de que vagina-mulher e pênis-homem se constrói em cima desses corpos toda uma série de expectativas ditas femininas ou masculinas. A partir do momento que o médico revela o sexo da criança, as expectativas se concretizam em brinquedos, cores, estilos de roupa e planos para o futuro do bebê, tudo antes mesmo de esse ser chegar ao mundo.

Assim, a heterossexualidade não nasceria espontaneamente em cada corpo, ela é, na verdade, apresentada, ensinada e reiterada através das repetições dos códigos sociais, que são passados como naturais, de cada sociedade em seu tempo.

É possível afirmar que uma das mais importantes contribuições teóricas que Butler fez nos estudos de gênero foi sua articulação entre o sexo, gênero e sexualidade. Segundo a filósofa, os três termos são na verdade construções sociais, não havendo nada de natural, a não ser a ideia de que eles são impostos como tal. Ademais, ela também reconhece a

existência e uma ordem das convenções que moldam as identidades sexuais, visando a heterossexualidade nos dias de hoje. A ordem linear é sexo-gênero-desejo:

O gênero só pode denotar uma *unidade* de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero - sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu - e um desejo - sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja. (Butler, 2021, p.52)

Butler chama de “matriz heterossexual” os vetores de poder que designam a naturalidade dos corpos, dos gêneros e dos desejos. É esperado que cada indivíduo, através da performatividade, siga o modelo hegemônico da heterossexualidade correspondente ao seu sexo, gênero e desejo. Assim, o homem deve ser masculino, possuir um pênis e desejar mulheres (que segue a mesma linha: feminina, com vagina e que deseja exclusivamente homens).

É possível concluir, então, que para a sociedade heteronormativa, apenas os corpos que seguem as normas do sexo, gênero e desejo são vistos como seres humanos.

MUNICIPAL
HONORS

fiquei um tempo olhando para toda a linha que já consegui retirar. já estava fora do meu corpo, mas ainda podia sentir a nossa conexão. peguei um pouco nas minhas mãos e aproximei dos meus olhos. queria enxergar melhor suas tramas. eu buscava referências no que já conhecia para entender o que estava tocando. havia partes que pareciam ser de lã. outras eram líquidas. algumas pareciam conter vidro. se eu olhasse com atenção o suficiente, conseguia perceber a mutação da matéria. era um organismo vivo.

perdi completamente a noção do tempo desde que tomei consciência sobre as linhas. não sei dizer ao certo quanto tempo se passou. sei que agora fico o maior tempo possível tentando desvendar esse mistério. o que eu vou fazer com isso?

cada etapa nesse processo levou tempo. entender o que deveria fazer com esse material não foi diferente. precisei me dedicar inteiramente às linhas para começar a entender

melhor. já havia percebido o que levava a minha mente a produzir elas, mas qual era a sua finalidade?

abri espaço na minha cama e fui colocando a linha por todo o espaço. uma parte ficou caída no chão. minha cama de solteiro não comportava toda a linha. fui seguindo o trajeto da linha e pude notar algumas formas. algumas partes eram imagens e outras eram palavras. não era nítido, mas sentia certa familiaridade ao ver seus contornos.

existia algo familiar nessas linhas. comecei a abrir espaço no meu quarto para poder deixar a linha tomar formas.

fiquei olhando tudo por um tempo. era muita coisa e não tinha desenrolado nem um quarto de tudo que já havia retirado de dentro do meu corpo.

me aproximei então da primeira forma. fui tentando desvendar o que tinha de familiar ali.



304. esse é o número do apartamento em que morei com meus pais a maior parte da minha infância. um apartamento desses de conjuntos habitacionais da cidade, onde todo mundo sabe o que acontece na sua vida e você sabe sobre a vida de todo mundo. recentemente pude escutar minha mãe contando novamente as histórias de como nossa família foi morar ali.

desde sempre ouvi as histórias da minha família. meus pais gostavam de contar e eu adquiri o gosto por ouvir. desde a infância que eu escutava sobre a vida deles e tinha consciência de que não havia sido uma vida fácil. na verdade, foi bem longe disso. minha mãe também gostava de contar para que a gente valorizasse o pouco que tínhamos - que chegava já a ser muito se comparado à infância deles.

perdi as contas de quantas vezes pedi a eles que contassem essas histórias. me emocionava ouvir eles contando. entre todas as histórias, também gostava de saber sobre como eles planejaram a minha chegada. minha mãe dizia que sempre quis ter uma filha menina, mas como meu pai já tinha outras

duas filhas do primeiro casamento, ela quis ter e dar para o meu pai o filho homem. e assim o meu irmão nasceu primeiro. quando eu estava tentando o vestibular, meu professor falou algo sobre criação de filhos que me chamou a atenção. ele disse que quando uma pessoa está gestando, além de um ser, ela também está criando expectativas para aquela vida. e isso fez muito sentido quando pensei na gestação da minha mãe.

meu irmão já tinha cerca de cinco anos quando minha mãe começou a tentar uma segunda gravidez. muito religiosa, minha mãe dizia que orava todas as noites para que Deus desse uma filha para ela. em um momento dessa tentativa, meu pai teve um sonho. nesse sonho ele estava com o meu irmão e mais uma criança. disse ele que no sonho chamava pelos filhos e acordou lembrando dos nomes. foi assim que meu nome surgiu, em sonho.

um tempo depois desse sonho veio a notícia. minha mãe estava grávida de mim. ficou sabendo que era uma menina. a primeira coisa que ela comprou quando soube, foi uma pelúcia

de uma ovelha. depois ela foi preparando meu enxoval. minhas primeiras roupinhas foram costuradas e bordadas pela minha mãe. guardo uma até hoje.

quando completei um ano, o tema da minha festa foi de ovelhinha. e o que estava decorando a mesa era a minha primeira pelúcia (obviamente com muitos elementos rosa-bebê). acredito ser de conhecimento popular que os evangélicos acreditam em Deus como seu pastor e o povo como as suas ovelhas. essa era a expectativa da minha mãe. uma menina, doce, delicada, temente a Deus e aos seus mandamentos.



SONHE ALTO

lembro que eu estava ainda no ensino fundamental quando isso aconteceu. era dia da turma ser fotografada para o álbum de formatura. a criançada toda reunida e arrumada para esse grande dia. nos divertimos e posamos para diversas fotos naquela manhã. tudo ocorria dentro da mais perfeita normalidade. já estávamos para finalizar depois de um bom tempo de fotografias e filmagens quando tudo desandou.

a turma toda seguiu para a área da quadra de futebol. as professoras resolveram então separar a turma para as últimas imagens. “todos os meninos sentem na arquibancada para a foto” e assim fiquei com o restante da turma para esperar a nossa vez. “agora as meninas” e lá fui eu me sentar com as meninas. foi então que uma das professoras disse “meninas, cruzem as pernas”. juro, eu não sei o que me deu na cabeça esse dia. gostaria muito de lembrar o que se passava na cabecinha da criança que eu fui aos 10 anos de idade.

lembro apenas de permanecer na exata posição que eu estava sentada (como todos os meninos tiraram as fotos e como uma

parte das meninas estavam antes do pedido). não lembro se o fotógrafo, alguma das professoras ou alguma das meninas que percebeu primeiro. sei que rapidamente estavam todos tentando me convencer a cruzar a perna para fazer a foto. a essa altura já estávamos mais tempo na arquibancada que os meninos ficaram.

eu seguia me recusando a cruzar as pernas. lembro de alguém falar com um leve tom ameaçador “só você vai ficar assim”. acho que todo mundo sabe como crianças podem ser cruéis com outras que não se enquadram às normas. apesar das piadas ácidas que já estavam rolando entre as meninas, segui firme em minha decisão.

e foi assim que tenho fotografado a minha primeira - ou mais antiga - lembrança de recusa a cisnormatividade.



Paul B. Preciado aponta que todo o conhecimento acerca do sexo depende do contexto no qual os corpos estão inseridos. Sendo assim, se o ambiente mudar, o conceito também muda. Dessa forma é possível demonstrar a mutabilidade do conhecimento acerca dos corpos, dos sexos, dos gêneros e das sexualidades. O termo “contrassexual” é o conceito desenvolvido por Preciado para evidenciar que os estudos sobre esses temas são imposições sociais e não verdades naturais (Preciado, 2022). Contudo, é preciso compreender a influência teórica que Monique Wittig e Donna Haraway tiveram sobre o filósofo. A primeira com a noção de “heteronormatividade compulsória” (Wittig, 2022) e a segunda com “corpo máquina/ciborgue” (Haraway, 2009).

Monique Wittig compreende que a heterossexualidade compulsória é um regime político, não uma instituição. Esse regime tem como princípio a categorização do sexo e seu regime heterossexual. Isto é, a noção de que o sexo é natural, logo, a sexualidade também é naturalizada, fazendo com que a heterossexualidade se tornasse a única maneira de se relacionar. Outro ponto crucial que mantém o regime político

da heterossexualidade é a subjugação do ser feminino. Para Wittig, as mulheres precisam seguir normas de posturas e comportamentos e devem seguir a heterossexualidade para que a sociedade se mantenha organizada e hierarquizada (Wittig, 2022). Em outras palavras, o desejo natural das mulheres no regime heterossexual é ter um parceiro e depois, alcançar a maternidade. É somente com a maternidade, com a reprodução, que o sistema e a economia heterossexual se mantêm.

Dessa maneira, de acordo com Wittig, o indivíduo que foge desse regime é a lésbica, abrindo uma fresta no sistema. Pois as lésbicas recusam tanto a lógica heterossexual (Wittig, 2022), (negam a sexualidade imposta e se relacionam com outras mulheres), como o papel da mulher que segue as normas sociais (abandonando o trajeto de se relacionar com homens e viver em função da maternidade). Por outro lado, por não seguirem as normas, as lésbicas não são mulheres para a sociedade. Já que as construções sociais de mulher e homem só existem na heterossexualidade.

Adiante, é no Manifesto Ciborgue que Donna Haraway desenvolveu seu principal conceito, o “ciborgue”, que segundo ela “é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (Haraway, 2009, p.36). É a partir do ciborgue, do corpo enquanto máquina, que Haraway analisa a concepção social “mulher”. A filósofa observou que em um determinado momento do capitalismo tardio o que antes era a ideia de “mulher”, desmembrou-se no termo “mulheres”. Isso ocorreu devido aos avanços tecnológicos, que acabaram criando uma fusão entre o orgânico (corpo) e inorgânico (máquina) (Haraway, 2009). Dessa maneira, os conceitos que antes eram justificados pela natureza como universais e imutáveis, viram a necessidade de serem ressignificados por ação do capitalismo e das máquinas.

Ainda sobre o termo “mulher”, Haraway observou que tanto sua ligação com a natureza, como sua necessidade de reprodução também foram colocadas em questão. Neste sentido, com a ressignificação do termo, dois principais aspectos foram levantados: primeiro, uma necessidade de

mudança sobre os entendimentos acerca a opressão masculinista e, segundo, o questionamento do sexo e da sexualidade enquanto fator natural e de reprodução (Haraway, 2009).

Tendo como influência teórica Monique Wittig, com a noção de heterossexualidade compulsória, e Donna Haraway, com o conceito de ciborgue enquanto um híbrido de organismo-máquina, Paul B. Preciado entende que:

Os homens e as mulheres são construções metonímicas do sistema heterossexual de produção e de reprodução que autorizam a sujeição das mulheres como força de trabalho sexual e como meio de reprodução. Essa exploração é estrutural, e os benefícios sexuais que os homens e as mulheres heterossexuais extraem dela obrigam a reduzir a superfície erótica aos órgãos sexuais reprodutivos e a privilegiar o pênis como o único centro mecânico de produção de impulso sexual (Preciado, 2022, p.37)

Sendo assim, Preciado problematizou a noção do corpo sexuado (enquanto natural) e de suas práticas sexuais (baseadas na economia hétero). Ele afirma que o corpo é dividido em partes que são significadas como sexuais e outras

não. Essa divisão nada mais é que uma operação tecnológica que cria a diferença sexual.

Ademais, Preciado entende que os corpos são constituídos de biopolítica e de bio/cibertecnologias. Essas estruturas de poder adentram no imaginário e criam ilusões, elas têm como objetivo serem entendidas como “naturais” e são categoricamente pautadas no binarismo (natureza/cultura, corpo/máquina, sexo/gênero etc.). Para Preciado, o binarismo além de marcar e demarcar os corpos é uma ferramenta que estigmatiza grupos politicamente minoritários (mulheres, LGBTIA+, pessoas não brancas, PcDs etc.) (Preciado, 2022).

Contudo, ele observou que as mesmas bio/cibertecnologias que agem sobre os corpos de maneira impositiva são também os artifícios de resistência a esse poder. Em outras palavras, o mesmo regime que (re)produz as tecnologias de domesticação é o que possibilita as práticas subversivas dessas tecnologias:

As bio e cibertecnologias contemporâneas são, ao mesmo tempo, o resultado das estruturas de poder e os possíveis bolsões de resistência a

esse mesmo poder; de uma forma ou de outra, um espaço de reinvenção da natureza (Preciado, 2022, p.168).

Isto posto, Preciado desenvolve a noção de contrassexualidade. Conceito criado pelo filósofo que tem o intuito de analisar criticamente a diferença sexo-gênero (presente no contrato social das sociedades) e substituir esse contrato social pelo contrato contrassexual, no qual "os corpos se reconhecem a si mesmos e aos outros corpos não como homens ou mulheres, mas como corpos vivos" (Preciado, 2022, p.32). Além disso, o Manifesto contrassexual de Preciado, homônimo de seu livro, é uma maneira de resistência aos regimes impostos e uma maneira de produzir novos desejos, novos gêneros, recriando a realidade. É na homossexualidade, na transexualidade e nas formas que fogem da norma, que é possível produzir novas formas de existir no sistema:

É possível inverter e derivar (...) suas práticas de produção da identidade sexual. A bicha, a travesti, a drag queen, a lésbica, a sapatão, a caminhoneira, a *butch*, a bofinho, as transgênero, os F2M e as M2F são "brincadeiras ontológicas", imposturas orgânicas, mutações prostéticas,

recitações subversivas de um código sexual
transcendental falso (Preciado, 2022, p.41-42)

Essas outras maneiras de sexo-gênero demonstram que o simples fato de existirem no sistema normativo é mais que suficiente para comprovar a artificialidade da maquinaria heterossexual e não sua naturalidade. Assim, quando as noções de sexo-gênero e sexualidade são colocadas em questão, evidenciando suas artificialidades, o corpo deixa de ser visto como natural e passa a ser reconhecido como cultural. Além disso, o questionamento dos binarismos, principalmente de gênero, amplia as formas de existência, dando espaço às pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero.



a primeira vez que explodi a porta do armário foi um ato de rebeldia. tinha um alto nível de ignorância e até certa inocência. não tinha muita noção da realidade e o máximo que passava pela minha cabeça era contrariar minha mãe e o que ela esperava de mim. não foi nada planejado, mas certamente tomei decisões que me colocariam na obrigação de assumir minhas atitudes.

antes, eu não pensava muito sobre meninos, mas ainda sonhava em casar com um e tinha a convicção que iria casar virgem. eu julgava demais quem cedia e não conseguia entender. para mim era tão simples. sempre achei muito tranquilo não ceder, visto que nunca morria de tesão quando estava com um garoto. achava que esse fogo só poderia surgir com intimidade e sob uma autorização divina. que dó.

fui umas das últimas da minha turma a beijar. também uma das últimas do meu grupo de amizades... e eu nem era a mais nova. eu até cheguei a gostar de alguns meninos. mas eu não sei dizer se tinha mais medo de pecar ou era uma falta de

vontade mesmo. eu gostava mesmo era de trocar cartinha escondido e sentar do lado no intervalo pra ficar de mãos dadas. foi assim com meu primeiro namoradinho. que ameaçou terminar comigo ou me trair pq eu não queria beijar ele. éramos da mesma turma e eu sabia que tinham umas outras meninas que gostavam dele. eventualmente ele terminou comigo e não demorou muito para começar a namorar uma outra menina da sala. logo depois eu dei meu primeiro beijo e ele ficou sabendo.

eu não sentia muita vontade de ficar com os meninos. não achava incrível como minhas amigas contavam. mas eu também nunca tinha olhado para uma garota com essa intenção. não me recordo de sentir atração por ninguém, na verdade. isso já me fez questionar muita coisa sobre mim, mas fica pra uma outra hora... o ponto é que nunca passou pela minha cabeça a possibilidade de beijar uma garota. foi uma ofensa quando falaram pela primeira vez que eu tinha cara de que seria sapatao. mas acho que foi justamente isso que me deixou com uma bomba no colo. eu, sapatão? como assim EU sapatao? eu JAMAIS ficaria com uma menina! ficaria?

comecei a pular de namoro em namoro que mal durava o mês. mesmo com garotos, insistiam que eu ainda iria me assumir. até mesmo o namoradinho que perdi a virgindade veio me falar isso. eu só sabia negar. mas seguia me questionando e indignando por cada pessoa que me apontava.

descobrir que minha melhor amiga de infância estava vivendo também esse momento foi uma grande virada de chave na minha vida. bom, se ela tá se abrindo pra isso não deve ser tão absurdo assim, imaginei. nunca cheguei a conversar com ela antes disso. na verdade, não falava com ninguém e sempre negava. até que aconteceu. fiquei com uma menina e tudo mudou.

nunca me questioneei se eu gostava mesmo de meninas depois disso. bastou uma vez pra ser absurdamente claro para mim que eu tinha gostado. mesmo que antes disso eu não tenha tido nenhuma lembrança de atração. o que não aconteceu quando o assunto eram os garotos. passei um bom tempo me questionando se realmente gostava de ficar com eles.

passei muito tempo ainda ficando pra tentar me encaixar em uma heterossexualidade e me afastar desse problema. mas era mais forte que eu e eu não conseguia evitar por tanto tempo. comecei então a me aceitar. me aproximei bastante de pessoas LGBTIA+ e a frequentar certos espaços que eram proibidos aos olhos da igreja. passei então a mentir para minha mãe e pro meu pai. me joguei de cabeça para viver minha sexualidade. comecei a acreditar que era sapatão.

as garotas me viam sem performar feminilidade e já me tratavam dessa forma. eu ainda tava tentando me entender, mas já precisava assumir uma nova postura. esperavam que eu fosse ativa, que chegasse nas meninas, que não fosse sensível e muito menos delicada. mas eu nunca consegui me encaixar nisso também.

tive que lutar e não era para absorver a expectativa das pessoas ao meu redor, mas sim para descobrir o que sobrou de mim mesma no meio de tudo que foi imposto que eu deveria ser.

cansei de ficar escondendo toda a situação da minha mãe. já não me importava mais com nada. mudei de criança que nunca deu trabalho pra adolescente rebelde. não guardava a língua na boca e passei a ter atrito dentro de casa. resolvi jogar a bomba pra minha mãe de uma vez só:

- mãe, perdi a virgindade, fiquei com uma mulher e fiz uma tatuagem.



insistindo no sonho

bi. a primeira vez que eu falei “eu sou bi!” foi com o maior entusiasmo por ser bicampeã. mas tive como resposta um “sempre soube!” em tom de piada.

muita coisa foi mudando pra mim, mas tem umas que não só mudaram, mas perderam completamente o sentido. uma das coisas é a sexualidade. e chamo sexualidade por me recusar a ideia de orientação sexual. que já era uma recusa a ideia de opção sexual. tudo no fluxo de que não é algo que possa ser escolhido ou orientado a alguém. mas o que seria então dizer que minha sexualidade é *tal*?

eu transo com esse e/ou esses corpos?

eu me relaciono com esse e/ou esses gêneros?

isso não faz o menor sentido para mim.

eu me relaciono com pessoas

sexualidade existe porque a heteronormatividade existe. sexualidade existe e foi construída para a lógica heterossexual. se não existisse heteronormatividade, não existiria necessidade de se definir homo, bi, pan etc.

não descarto preferências, mas o que você chama de preferência sexual pode ser só o que foi imposto de desejo ao seu corpo.

pra se definir uma sexualidade é preciso que se tenha como referência e o perfil de pessoa que você se relaciona. bom, isso de forma muito resumida - pra não dizer de forma cis e binária.

se é mulher e deseja só mulher, é lésbica. se é homem é deseja só homem, é gay.

mas aí se for mulher, não performar feminilidade e gostar de mulher, te chamam de sapatão. e ser for homem, não performar masculinidade e gostar de homem, aí te chamam de bicha.

mas vamos sair da lógica cis. e é justamente esse movimento que me fez perder o que enxergava de lógica nisso.

já me entendi hétero, bi, lésbica e bi de novo. tudo enquanto ainda não havia questionado o meu gênero. mas aí me entendi uma pessoa trans, digo, uma pessoa trans não binária.

não tem escrito na minha testa "pessoa trans não binária". assim como na testa de ninguém vem escrito. a gente olha para alguém e faz mil suposições sobre o gênero, mas a real é que não existe absolutamente nada que a gente enxergue que possa definir.

precisamos sair coletivamente dessa lógica binária que vulva e peito é mulher e pinto e peitoral é sinônimo de homem.

tenho escolhido me dizer bissexual por entender a necessidade política dessa comunidade e dessa luta. em um país como esse, que cria diariamente projetos de leis contra o casamento homoafetivo, é importante que se defina ainda.

outros sonhos me esperam.

entrelaçam-se os olhares
na dança sutil do tempo,
onde o desejo é vento,
levando segredos pelos ares

nos recantos do desconhecido,
emergem sonhos em silêncio,
como estrelas que, no vazio imenso,
encontram seu brilho escondido

o coração, destemido navegador,
atravessa mares de esperança,
onde cada encontro se faz dança,
e cada batida, um fervor

nos sonhos, a alma flutua,
caminha entre sombras e luz,
onde a paixão se traduz
em poesia que a vida tatua

o amor nasce no encontro
entre o real e o imaginado,
como se o tempo fosse costurado,
desenhando o futuro em cada ponto

nos olhos, os vidros brilham,
refletindo luzes de carícias e juras,
onde os desejos imperam
com amor e ternura

e o coração, por fim, se rende,
aos sonhos que o embalam,
onde os receios se calam
no silêncio que o amor preenche.



Glauco B. Ferreira, em 2016, no seu artigo intitulado “‘Arte Queer’ no Brasil? Relações raciais e não-binarismos de gênero e sexualidades em expressões artísticas em contextos sociais”, tratou sobre a dificuldade em definir o que seria *queer* - o que segue, em 2024, sendo uma tarefa difícil. Afinal, delimitar significados a um conceito que recusa, escapa e subverte as categorias prontas, rígidas e bem definidas de gênero e sexualidade parece uma tarefa inesgotável.

Inicialmente, o termo inglês *queer* foi dirigido pejorativamente às pessoas que, em alguma medida, perpassavam pelas dissidências às normas binárias de sexo-gênero, apontando *todes* como *estranhes*, *exotiques* e *bizarres* em suas manifestações. Neste contexto, desde os anos 80, as pessoas dissidentes ressignificam o termo *queer*. A ideia é transformar a ofensa vinculada a essa palavra e usá-la de forma potente. Sendo assim, observando esse processo desde o seu surgimento, podemos ver que o termo *queer* foi se transformando. Isso aconteceu nas áreas acadêmicas, nos debates dos movimentos sociais e na forma como as pessoas se identificam.

O *queer*, então, passa a ser uma maneira de se opor a ideias rígidas sobre identidade, não só cis e hétero, mas também gay, lésbica e bissexual. A aposta da ressignificação é uma alternativa que permite que as identidades sejam mais flexíveis. Pessoas que se identificam como *queer* estão questionando ideias sobre identidade fixa e tentam reafirmar ativamente diferentes maneiras de ser e se expressar no âmbito da sexualidade e do gênero.

Ao confrontar um sistema binário opressivo, as manifestações de pessoas dissidentes questionam a presumida supremacia das normas sociais que ditam rigidamente o que é considerado masculino ou feminino. “Nessa lógica normativa e binária, tudo o que é ambíguo ou que momentaneamente foge desse dualismo poderia ser assim incluído nesse espectro queer.” (Ferreira, 2016, p.208).

Apesar de não ser um consenso, em algumas situações atuais, o termo *queer* vem sendo utilizado de uma maneira que o torna muito parecido com uma identidade de gênero, junto com as já existentes (como lésbica, gay, bissexual,

transgênero, travesti, intersexual, assexual). Também foi incluído na versão mais utilizada da sigla LGBTQIA+ e sendo estudado como uma teoria acadêmica cada vez mais consolidada.

Em outras palavras, o termo *queer* teve sua origem nos Estados Unidos como uma forma de insultar pessoas que não se encaixavam na heterossexualidade compulsória. Porém, com o decorrer do tempo, o *queer* foi apropriado e politizado por essas pessoas para se tornar uma ferramenta de combate às normas binárias de sexo-gênero. Até que na década de 90, a palavra *queer* invadiu as universidades e tornou-se parte dos estudos de autorias como Gloria Anzaldúa, Teresa de Laurentis e Judith Butler.

E é assim, como um conceito acadêmico e político, que o *queer* chega ao Brasil, no início do segundo milênio. Porém, em solos brasileiros, esse conceito esbarrou, principalmente, com a questão linguística. Por ser uma palavra intraduzível e lida por muitos como colonizante, Matheus Araújo dos Santos, em “Impotências de uma Arte Queer”, propõe a deformação da

palavra *queer*. A deformação do *queer* aconteceria a partir de um movimento antropofágico, isto é, deglutir a palavra, absorver sua potência e questionar suas imposições. Por isso, Santos reforça que o “queer”, em solo brasileiro e em bocas brasileiras, transforma-se em “cuir” ou “kuir”. Além disso, suas práticas devem sempre ser associadas àquilo que incomoda, confrontando as estruturas sociais.

Seguindo esse fio das identidades dissidentes, outro nome que analisa essa questão em território brasileiro é Glauco B. Ferreira. O autor chama atenção da importância de pensar em como algumas palavras e ideias se espalham e mudam quando são usadas em diferentes territórios. O *queer* no Brasil, por exemplo, está sendo usado de outras maneiras, especialmente quando se fala sobre questões de gênero e sexualidades brasileiras. Isso acontece porque a palavra traz a ideia de algo novo e diferente. Mas, ao mesmo tempo, algumas pessoas da comunidade a veem como algo vindo de fora, como se estivesse colonizando as identidades locais. É interessante perceber como as palavras podem gerar outros debates em diferentes contextos.

Para seguir com a análise de pessoas dissidentes e ampliá-la, precisamos olhar para a não binaridade de gênero. O não binário é utilizado como um termo que engloba um espectro de identidades que escapam das binárias de homem e mulher. Por escaparem a essas identidades, impostas ao nascimento, pessoas não binárias são pessoas *trans*. Sobre uma possível definição de pessoas não binárias, Ferreira diz:

(...) pessoas que não se identificando com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer e que acabam por não necessariamente se sentirem como pertencentes ou identificados com as representações do gênero oposto, isto é, resistem a se enquadrarem necessariamente nas representações sociais definidas e fixadas para o que seja específico de “masculinidades” e de “feminilidades” em dado contexto social. Buscam assim transitar entre estes aparentes opostos masculinos e femininos, sem definir especificamente serem “homens” ou “mulheres” em termos estritos e são assim, em alguns casos, consideradas como pessoas trans não-binárias. (Ferreira, 2016. p.214)

Desse modo, as pessoas trans não binárias são as que em alguma medida não se identificam com o padrão de gênero tradicional, tendo suas próprias experiências de identidade e subjetividade. Em síntese, “não binário” não é

necessariamente uma espécie de terceiro gênero. Pessoas trans não binárias são aquelas que não se identificam estritamente como homens ou mulheres, as duas categorias tradicionais de gênero na nossa sociedade. Elas podem se sentir fora desse sistema binário de gênero e/ou podem ter uma identidade de gênero que é uma mistura de ambos, fluida, indefinida e/ou completamente diferente. Dentro do espectro não binário estão as identidades: agênero, gênero-fluido, *transmasculines*, *transfeminines*, travestis, *não-binárias*, entre outras.

Para observar possíveis identidades não binárias em território brasileiro, Ferreira analisa o que Vitor Grunvald e Leonora Dias (2016) abordam. Uma face intrigante da abordagem dessas autorias é a compreensão de que as expressões não binárias de gênero e sexualidade também podem levar em consideração os sistemas sexuais específicos de cada contexto. Isso significa reconhecer a existência de categorias que já são vivenciadas por pessoas que se identificam com elas, como bicha, sapatão e travestis, por exemplo. Essas categorias são utilizadas para nomear ou

definir determinadas sexualidades dissidentes que desafiam certos binarismos no Brasil, podendo ou não ter alguma relação ou semelhança com o que tem sido definido como *queer* em contextos estrangeiros. É de suma importância considerar essas categorias e sistemas sexuais em suas configurações locais, levando em conta como estão influenciados ou atravessados por questões de raça e classe. Isso pressupõe que, em nosso contexto social, pessoas dissidentes se aproximam de outras identidades que podem ser não binárias, como as bichas, por exemplo. Diante desse raciocínio, Ferreira conclui:

De um modo geral as análises dos autores aqui abordados denotam uma preocupação em assinalar o modo como o *queer*, a dissidência de gênero e sexualidade e as experiências trans podem ganhar sabores e expressões diversas em terras brasileiras, de forma que esse *queer* (ou *Cuir*, ou *Kuír*) em contexto brasileiro, mesmo que semelhante ao *queer* estadunidense ou europeu não signifiquem as mesmas coisas lá e cá. (Ferreira, 2016, p.216)

Por um lado, isso pode mostrar como ideias estadunidenses e europeias estão influenciando as discussões acadêmicas em diferentes países. Por outro, isso também

pode mostrar a importância de identidades locais brasileiras, como o termo *bicha*, que representam as complexidades nos modos como as pessoas se identificam em relação a gênero e sexualidade. Além disso, essas análises também estão olhando para como teorias *queer* são usadas em instituições acadêmicas, sem levar em conta as experiências das pessoas que vivem marginalizadas dentro dessas comunidades.

Nesse contexto, é possível observar que as identidades desviantes *queer* (ou *cuir* e/ou *kuir*) e não binárias se entrelaçam, criando um elemento unificador para as discussões que têm como objetivo dismantelar as categorias rígidas e binárias presentes em nossa sociedade - ultrapassando as categorias de gênero e sexualidade (Lopes, 2021). Isso se torna evidente quando sua crítica é direcionada também a outros binarismos e categorias predefinidas, como exemplo, a realidade e a ficção.



SONNHE

a decisão de começar a terapia hormonal se aproxima, e, apesar de ser algo que desejo há muito tempo, existe um medo profundo que não consigo ignorar. cada dia que passa, as perguntas ficam mais insistentes. e se eu não estiver pronto? e se a mudança não for como eu imaginei, ou pior, e se eu me arrependo? sinto que estou prestes a abrir uma porta para o desconhecido e, mesmo sabendo que é um caminho que sempre quis trilhar, a ideia de dar o primeiro passo ainda me atormenta.

fico horas em frente ao espelho, observando meu reflexo com um olhar crítico. vejo o mesmo rosto que sempre conheci, mas também vejo a pessoa que imagino ser, esperando para emergir. é uma visão incerta, em que a esperança e o medo se entrelaçam. o rosto que vejo agora é uma lembrança constante de quem eu era, e ao mesmo tempo uma representação de quem quero me tornar.

os conselhos que recebi não conseguem apagar a incerteza que sinto. As pessoas próximas a mim tentam respeitar e

apoiar mas é nitido o esforço que fazem. quase paupável a sincera opinião de cada um. pessoas trans hormonizadas com que eu conversei falam sobre o potencial positivo das mudanças, sobre como a terapia pode ajudar a alinhar meu corpo com minha identidade. e eu acredito nisso. mas, no fundo, a dúvida é uma sombra persistente que se recusa a desaparecer.

penso nas conversas que tive com minha antiga terapeuta. dos detalhes técnicos e dos riscos potenciais. dos diversos outros médicos que passei. dos incontáveis vídeos de transmasculinos que assisti. e parece que quanto mais eu sei, mais o medo se concretiza. cada efeito colateral descrito é uma nova peça no quebra-cabeça de minhas preocupações, cada risco uma nova possibilidade que eu não consigo controlar.

mas há momentos em que a ansiedade cede e me vejo tentando sentir a excitação pela jornada que estou prestes a iniciar. me vejo sorrindo como todos os boyzinhos quando iniciam a hormonização. imagino como será quando,

finalmente, meu corpo começar a ter as mudanças que tanto espero. a visão do futuro, com uma sensação de alinhamento e completude, é o que me faz lutar contra o medo.

é um equilíbrio precário entre a coragem e a hesitação. começar a terapia hormonal é como um salto no escuro, um mergulho em um oceano desconhecido. estou pronto para isso? sei que, ao tomar essa decisão, não estou apenas mudando meu corpo, mas também enfrentando meus medos mais profundos.

enquanto aguardo o momento de começar, procuro me lembrar de que o medo não é um sinal de fraqueza, mas uma parte natural do processo. tenho focado que a verdadeira coragem não é a ausência de medo, mas a disposição de seguir em frente apesar dele. espero que, ao dar esse passo, possa encontrar a força que preciso para enfrentar o desconhecido e abraçar a transformação que sempre desejei.

SEXO

não binarie

cis. a cisgeneridade se coloca como norma e as vezes fico com a sensação de que ninguém ta enxergando o fracasso que esse sistema está fadado. durante o meu processo fui tendo contato com outras pessoas trans e entendendo o que esperam da gente.

as mulheres trans precisam se encaixar numa logica de feminilidade. como terem apresentado desde a infancia sinais claros de que eram bichas, afeminadas. odiar seus penis. fazer uso de maquiagem, pintar as unhas e tirar todos os pelos.

e os homens trans passam pela mesma lógica de se encaixar no que colocam como oposto. terem sido sapatoes, caminhoneiras. evitassem roupas justas e usar maquiagem. que gostassem de brincar de bola e que odiassem ver desenvolvendo os seus peitos - que uma grande parte da comunidade chama de "intrusos".

isso tudo veio como um soco quando passei por uma endocrinologista. já tinha acabado de passar por uma experiência horrível com um endocrinologista anterior quando iniciei todo o processo num ambulatório público voltado para

pessoas trans - por querer fazer tudo da melhor forma possível mas principalmente sem precisar lidar com a transfobia. que inocência a minha! saí do consultório sem conseguir segurar as lágrimas. já se passaram mais de seis meses e ainda não consegui absorver o que aconteceu naquele dia – e logo naquele lugar. só sabia que nunca mais queria pisar lá e ter que ver aquele médico. então fui recorrer a médicos particulares. depois de mais de um ano e meio entre consultas no ambulatório, já havia conseguido juntar algum dinheiro que estava contando para pagar os hormônios, porque apesar de ter iniciado no sistema público, não existe ainda a distribuição gratuita dos hormônios por aqui. então peguei esse dinheiro e fui a uma endocrinologista que havia sido indicada. o que eu sabia é que ela já atendia homens trans, então fui. meu deus que arrependimento e que dinheiro mal gasto! cheguei lá e nem precisei de cinco minutos pra entender que estava mais uma vez em uma situação de merda com um profissional da saúde. ela fez perguntas que claramente se baseiam num estereótipo. ficou perguntando da minha infância esperando encontrar sinais claros de que eu me enxergava como um menino – e fui

claro dizendo que não. parecia que eu só poderia ser trans se afirmasse todas as perguntas. tentei ainda ser claro sobre o que eu entendo sobre cisgeneridade e sobre a minha transgeneridade. coitada. a limitação do entendimento dela era tão grande que preenchia toda a sala. no final ela me pediu um encaminhamento de um psiquiatra pra poder liberar a receita de testosterona. nem sei como tive coragem de confrontar mas de pronto argumentei que isso não era mais a conduta esperada - pra dizer o mínimo. nada adiantou. dessa vez eu nem sai triste, sai puto.

parece surreal só. passar por transfobia dentro de um ambulatório voltado exclusivamente para pessoas trans e depois mais essa. esperava que os transfóbicos iam se limitar a não atender pessoas trans mas a audácia da cisgeneridade é absurda e acho que nunca vai parar de me chocar.

no longo caminho pra casa já estava a procura de uma outra pessoa pra me atender. procurei tudo que podia pela internet. queria pra me certificar de que essa seria a ultima pessoa. procurei até que encontrei uma médica trans. marquei uma consulta antes mesmo de chegar em casa e logo para o dia

seguinte. toda a paciência que eu tive com o processo pareceu se esgotar, esperar mais um dia parecia uma eternidade. nem sei como dormi aquela noite.

quando chegou a hora, apresentei meus exames e contei sobre tudo que tinha passado com outros profissionais até chegar ali. agradei por ter encontrado ela. foi a melhor consulta possível. me ouviu e me falou tudo que eu precisava saber. direta, didática e sensível. ela também me falou que precisaria colocar um cid na receita pra que fosse possível conseguir comprar e aplicar a testosterona. a gente se olhou e concordei com a cabeça firmando ali nosso acordo. no final recebi a receita. esse dia eu chorei um cadinho também mas foi um choro de sonho realizado.

RECEITUÁRIO DE CONTROLE ESPECIAL

IDENTIFICAÇÃO DO EMITENTE

D[REDACTED]

CPF: [REDACTED] CRM: [REDACTED] - RJ

Endereço: Av. [REDACTED]
Copacabana, Rio de Janeiro - RJ

Telefone: (21) [REDACTED]

Cidade: Rio de Janeiro

UF: RJ

Data de Emissão: 08/05/2024

Data de Validade: 07/06/2024

1ª VIA FARMÁCIA
2ª VIA PACIENTE

Paciente: Chloé Brune Braga Fernandes

Endereço: [REDACTED], São Gonçalo - RJ

Sexo: Masculino Idade: 28

1. Undecilato de Testosterona 250mg/mL 1 ampola

Aplicar 1 ampola, via intramuscular profunda e lentamente
Fazer exames 1 mês após a aplicação e marcar consulta
CID10 F64.0



Se há uma necessidade de negar uma determinada ordem social e o que ela simboliza, isso surge da percepção de que tal ordem é incompatível com certas formas de vida. A estrutura vigente, ao impor parâmetros rígidos do que é aceitável ou possível, limita as potencialidades e restringe as expressões de desejos e modos de existência. A ordem social não comporta todos os anseios humanos, e quando suas normas entram em choque com o que somos ou desejamos ser, ela se transforma em um obstáculo. Esse embate reflete o tensionamento entre o que a sociedade considera viável e o que diversas formas de viver, muitas vezes à margem, demandam. Assim, a necessidade de ficcionar surge como uma resposta direta à opressão dessas normas que sufocam a pluralidade das nossas vidas. É nesse contexto de negação que encontramos a força para reimaginar nossos espaços e nossas identidades.

A recusa é um ponto de partida, não o fim em si. Ela inaugura o espaço para a ficção, que se coloca como uma ferramenta criativa, um meio de construir alternativas ao que nos é imposto. Ao recusar as promessas de assimilação

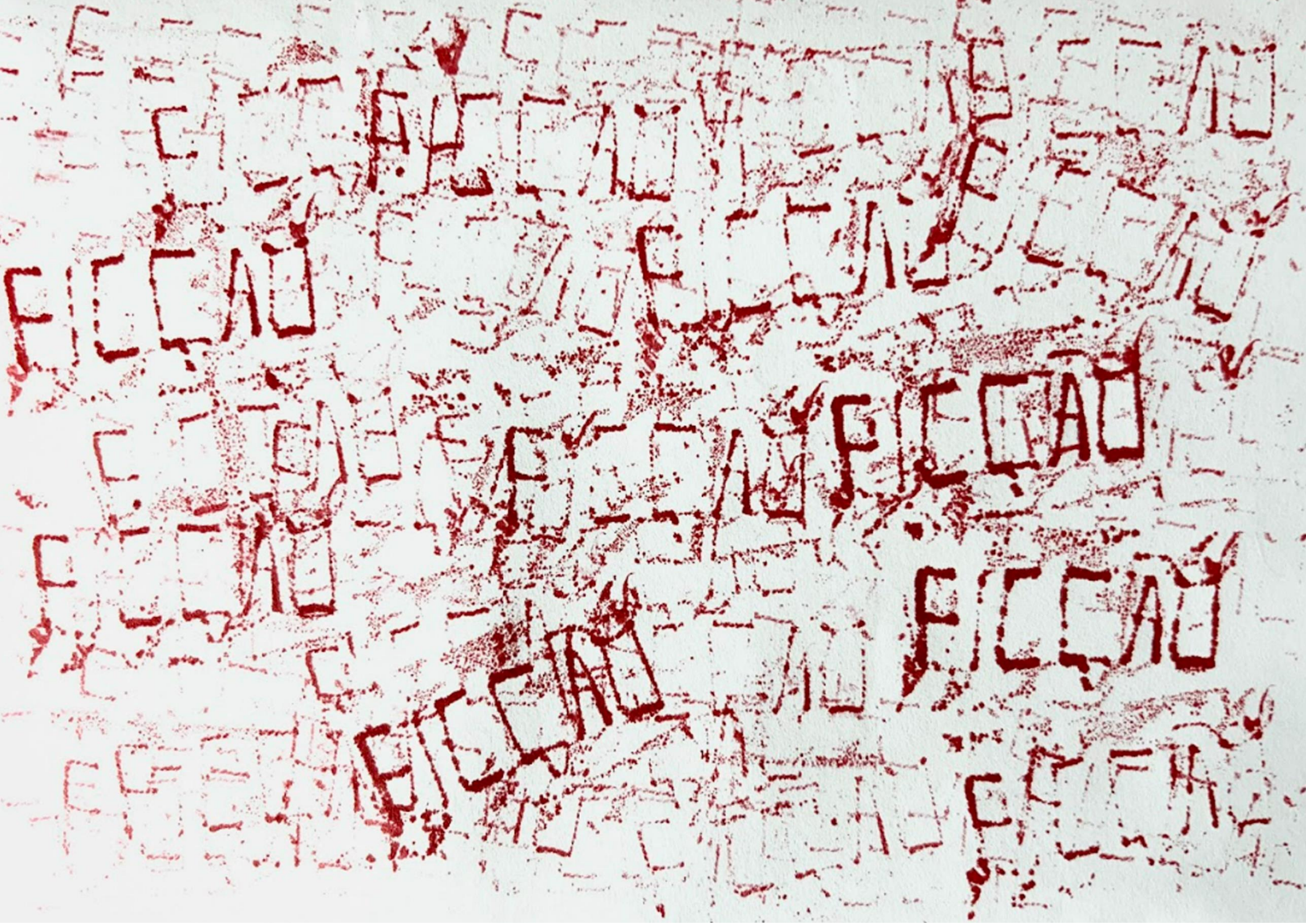
oferecidas pelas políticas dominantes, questionamos as próprias bases sobre as quais essas promessas foram construídas. A ficção, então, se torna um instrumento de resistência, uma maneira de imaginar e formular futuros onde a vida pode se organizar de maneira mais compatível com os múltiplos desejos e subjetividades que o presente limita.

Essa recusa à ordem estabelecida não é simplesmente um ato de ruptura radical, mas um processo contínuo de questionamento e transformação. Isso abre espaço para realidades mais inclusivas e diversas, onde os modos de vida marginalizados encontram terreno fértil para existir. A percepção de que as normas sociais são construções históricas, sujeitas à mudança, revela que podemos criar fissuras, rupturas e reconfigurações. A partir dessa perspectiva, novos horizontes surgem, e com eles a possibilidade de um mundo onde a pluralidade das experiências humanas é não apenas tolerada, mas celebrada, como uma prática de resistência à homogeneização imposta.

 Onde Os Sonhos Se Realizam

ódio. acredito que a cisgeneridade está impregnada de um ódio ao corpo, que é projetado sobre nós, refletindo uma cisforia que nos faz carregar uma culpa. esse ódio não é recente; é uma herança dos binarismos fundamentais da sociedade ocidental. às vezes, caímos em armadilhas, nos rotulando como não binários, mas perpetuamos binarismos em pensamento e em corpo, reforçando essas divisões. e isso me leva a questionar que lugar podemos ocupar na não binariedade. quais são as formas de dismantlar esses binarismos no nosso cotidiano, além da dicotomia homem e mulher? afinal, essa divisão é apenas um de nossos desafios.







SLICES

Podemos começar a explorar alternativas para a normatividade tecendo um diálogo entre as ideias de Jack Halberstam e Sara Ahmed. Enquanto Halberstam propõe uma associação entre o queer e o fracasso, Ahmed, por outro lado, procura compreender como as trajetórias das vidas queer se afastam das noções de felicidade que sustentam a ordem heterossexual. Segundo Halberstam, "sucesso, em uma sociedade heteronormativa e capitalista, equipara-se facilmente a formas específicas de maturidade reprodutiva combinada com acúmulo de riqueza" (Halberstam, 2020, p.20). Essa concepção de sucesso está intrinsecamente ligada a uma série de marcos que pretendem guiar e determinar a trajetória de nossas vidas. Dessa forma, somos considerados bem-sucedidos de acordo com a nossa habilidade em transitar por esses marcos e nos adequarmos às expectativas sociais que os acompanham. Entre os principais marcos podemos citar o sucesso profissional, o acesso a recursos financeiros (que possibilita a aquisição de sinais de status e sucesso), o casamento (heterossexual e monogâmico) e a reprodução e a criação de filhos.

Nesse contexto normativo, o sucesso depende em grande medida da combinação entre o acesso a recursos em uma economia capitalista, marcada pela desigualdade e pela precariedade, e a capacidade de se conformar às normas de gênero e aos ideais de masculinidade e feminilidade. Esses dois aspectos estão interligados, pois a distribuição de recursos e a vulnerabilidade estão amplamente determinadas pela maneira como as normas de gênero, raça e sexualidade posicionam os corpos. Contudo, mesmo quando se atinge o sucesso profissional, a existência queer é frequentemente associada ao fracasso: fracasso em formar uma família heterossexual, em ser um homem ou uma mulher normativos, e assim por diante. Porém, essa associação entre vidas queer e fracasso não é percebida pelas pessoas queer como algo que vem de fora, mas como uma descrição de suas próprias subjetividades. Muitas pessoas queer passam grande parte de suas vidas tentando se adequar à cisnormatividade, temendo fracassar nesse propósito.

Nesse caso, o fracasso ou o medo do fracasso costumam ser acompanhados por sentimentos negativos como

medo, culpa, desilusão e ansiedade. No entanto, em muitas situações, o fracasso em se adequar abre a possibilidade para novas formas de ser, e a sua aceitação pode nos levar a considerar modos alternativos de existência, que se distanciam dos roteiros estabelecidos pelas normas hegemônicas. Halberstam propõe que o fracasso pode nos permitir traçar rotas de fuga, que ajudam a escapar das normas punitivas que "disciplinam o comportamento e administram o desenvolvimento humano com o objetivo de nos resgatar de uma infância indisciplinada, conduzindo-nos a uma fase adulta controlada e previsível" (Halberstam, 2020, p.21). Embora o fracasso frequentemente seja acompanhado por emoções negativas, ele também oferece a oportunidade de usar essas emoções para perfurar a positividade tóxica da vida contemporânea (Halberstam, 2020).

Em minha própria experiência, posso afirmar que meu processo de transição de gênero ocorreu após muitas tentativas fracassadas de me conformar a um gênero que me foi imposto. Quando finalmente aceitei que minhas tentativas de ser uma mulher haviam fracassado, consegui buscar outros

caminhos e formas de ser, me distanciando da culpa e de outros sentimentos negativos associados ao fracasso. Halberstam segue, assim, a estratégia queer de resignificação, atribuindo novos significados ao fracasso enquanto questiona as lógicas de sucesso que orientam a sociedade. Questionar as ideias normativas de sucesso, por sua vez, envolve também questionar as ideias normativas de felicidade, que estão intimamente ligadas a essas noções de sucesso.

Para Sara Ahmed, a felicidade está intimamente ligada a conceitos socialmente estabelecidos sobre o que devemos buscar para alcançá-la, sendo algo projetado para o futuro como um objetivo a ser atingido ao seguir as "coisas certas". A promessa de felicidade, condicionada ao cumprimento dessas expectativas, transforma o futuro em algo que pode ser antecipado e declarado antes mesmo de sua chegada, inserindo a felicidade em uma perspectiva de futuridade (Ahmed, 2010). Como essa noção de felicidade é fundamentada em normas sociais que definem o que é considerado bom, ela adquire um caráter coletivo, impondo os

objetivos que o indivíduo deve perseguir para alcançá-la. Dessa forma, a felicidade pode ser vista como algo moldado por uma orientação compartilhada em direção ao que é socialmente entendido como bom (Ahmed, 2010).

Aqui, torna-se evidente a conexão entre as ideias de felicidade, sucesso e o que é considerado bom. A projeção da felicidade e do sucesso no futuro, e sua ligação com as condições de reprodução da ordem social, ilustram como essas noções estão profundamente enraizadas no futurismo reprodutivo. De um lado, somos incentivados a almejar o sucesso profissional e o poder de consumo que mobilizam os fluxos de capital e mantêm o capitalismo em movimento. De outro, somos pressionados a formar uma família heterossexual que gerará novos trabalhadores e futuros pais e mães. O cumprimento dessas expectativas contribui para a reprodução da ordem social. Essa reprodução também ocorre pela transmissão intergeracional de ideias de felicidade, frequentemente mediada pela família. Assim, a felicidade, muitas vezes, assume um caráter compulsório, na medida em que os pais projetam em seus filhos suas próprias ideias de

felicidade, ligando sua própria realização à trajetória de vida dos filhos.

Essa dinâmica impõe aos filhos a obrigação de fazer seus pais felizes, e de cumprir esse dever de forma alegre, demonstrando os sinais de felicidade de maneira adequada (Ahmed, 2010). As concepções de felicidade, nesse sentido, funcionam como mecanismos de controle e disciplina. Não é surpreendente, portanto, que indivíduos queer sejam frequentemente associados à infelicidade, sendo retratados não apenas como incapazes de alcançar a verdadeira felicidade, mas também como fontes de infelicidade, vergonha e decepção para seus pais e para a sociedade. O desalinhamento entre o desejo queer e a ordem social normativa resulta em um conflito profundo.

Ahmed explora essa conexão entre o alinhamento do desejo e as ideias normativas de felicidade através de figuras como a estraga-prazeres feminista (*feminist killjoy*) e o revolucionário raivoso. Ela aponta como as feministas têm sido habitualmente retratadas como pessoas mal-humoradas,

estraga-prazeres e sem senso de humor. Essa imagem é contrastada com a de mulheres bem-resolvidas e satisfeitas com suas vidas como esposas, mães e donas de casa. Nesse contraste, observa-se também como as feministas são frequentemente retratadas como mulheres masculinizadas e pouco femininas, enquanto as mulheres bem-resolvidas são vistas como exemplares de feminilidade.

O contraste entre essas figuras sugere que a realização de uma mulher está condicionada ao seu conformismo com as expectativas impostas pela ordem social. Ao questionar essas normas e buscar caminhos alternativos, as feministas são frequentemente retratadas como mulheres infelizes e mal resolvidas, que atrapalham o prazer alheio e espalham ressentimento e infelicidade. Nesse contexto, as feministas estraga-prazeres seriam aquelas que, ao invés de depositarem sua esperança de felicidade nas opções convencionais, expressam abertamente sua insatisfação em relação à obrigação de serem felizes com essas mesmas opções (Ahmed, 2010). Ao rejeitarem essa expectativa social e ao

revelarem sua infelicidade, elas provocam tumulto e são associadas à ideia de infelicidade.

O conflito e tumulto gerados pelas feministas ao se recusarem a alinhar seus desejos com as ideias normativas de felicidade, baseadas em normas de gênero, revelam o caráter compulsório dessa noção de felicidade. Se, ao seguir outro caminho, elas são vistas como infelizes e causadoras de infelicidade, elas expõem que o que é retratado como desejável é, na verdade, uma obrigação imposta, nem sempre desejada, e que envolve expectativas alheias. Ao mostrar que as coisas associadas à felicidade nem sempre são desejáveis, elas revelam o caráter arbitrário dessa ideia e indicam que existem outros caminhos, às vezes preferíveis, que ameaçam a estabilidade da ordem social. Assim, a imagem da feminista estraga-prazeres serve para associar ressentimento e infelicidade ao questionamento da ordem social, mascarando o caráter compulsório dessa ordem, responsável pela infelicidade de muitas pessoas.

Podemos então associar essa figura à do revolucionário raivoso. Para Ahmed, a consciência revolucionária pode ser entendida como uma consciência desalinhada com a sociedade. Ao recorrer ao pensamento de Franz Fanon, ela destaca que os colonizados precisam compreender o mundo dos colonizadores como uma imposição alienante, para que possam se revoltar contra esse mundo. Ahmed descreve a experiência de desalinhamento com a ordem social como uma sensação intensa de alienação, um sentimento que queima e se impõe sobre todos os outros para aqueles que experimentam essa alienação.

O desejo revolucionário por outras formas de vida e relações sociais entra em choque com uma ordem social que não tem interesse em reconhecer as feridas daqueles que habitam as margens, que têm seus desejos desalinhados com a norma. A recusa em aceitar a ordem social, e o desejo de destruí-la, provoca a raiva do revolucionário, uma raiva alimentada pelo desejo de libertar o mundo da opressão imposta. No entanto, a reação contra essa raiva muitas vezes a reverte, fazendo com que a raiva do revolucionário seja vista

como ilegítima e como a causa dos problemas que ele busca combater.

A associação entre felicidade, sucesso e normatividade, exposta por Ahmed, nos leva a perceber como essas noções são usadas para manter e perpetuar a ordem social. Questionar essas noções, ao recusar a normatividade e desafiar as expectativas que as acompanham, é um ato radical que pode abrir caminhos para novas formas de ser e viver. A aceitação do fracasso, tal como proposto por Halberstam, e a recusa em alinhar nossos desejos com as normas sociais, como discutido por Ahmed, não são apenas estratégias de resistência, mas também caminhos que nos permitem imaginar e construir futuros alternativos.

não existe ponto de partida / não existe
linha de chegada / não existe

não sou uma mulher de verdade. também não sou um homem.
nunca fui. espero nunca pensar ser.

minha testosterona é injetável, artificial, fabricada. tenho pelos
finos e alguns grossos coexistindo de forma imperfeita. existe
um pomo de Adão crescendo em minha garganta enquanto
minha voz engrossa e falha a cada dia. meus peitos secaram
e caíram. só sobraram as glândulas. minha vagina não é de
mulher, não parece natural, pois não é. não foi criada por Deus,
nem pela Natureza.

não há um corpo natural

não há um sexo biológico

não há um corpo errado

não há um sexo de homem ou de mulher

há um corpo

vários

corpos onde significados são inscritos sobre eles, sem
permissão e com violência.

o que há de errado com o artificial?

já somos ciborgues há muito tempo

tenho um corpo que só é possível por causa das ficções

sonho
o
faço que
faço
o
que
sonho

sucesso. acredito que a ideia de sucesso muda com o tempo e com as experiências que a gente vive. pra muita gente, isso é medido por coisas externas: estar em um emprego legal, ter uma casa, ou ser aceito pela sociedade. mas pra mim, como uma pessoa transmasculina, o sucesso se tornou algo muito mais pessoal e íntimo.

minha jornada pra me reconhecer e afirmar como transmasculino teve muitos desafios que moldaram o que eu entendo como sucesso. nos primeiros anos, sucesso era só conseguir sobreviver emocional e fisicamente. era um dia a dia cheio de dúvidas, medos e inseguranças, e cada passo que eu dava em direção à minha identidade era uma grande conquista. cada pequeno avanço - desde escolher meu nome até ficar confortável com meu corpo - era um processo que me alegrava.

o apoio das minhas amigades foi essencial. e também me conectar com outras pessoas trans e principalmente outros transmasculinos me deu um senso de pertencimento que eu achava que nunca ia ter. assim, comecei a ver sucesso não só

pela aceitação dos outros, mas pela construção de laços significativos e pelo fortalecimento da nossa coletividade. juntas, a gente redefiniu o que é ser bem-sucedido: não era só ser reconhecido como trans, mas criar um espaço onde todo mundo é livre pra ser.

assim, com o tempo, quando fui me sentindo mais seguro e confiante, ampliei minha visão de sucesso pra além do pessoal. eu queria contribuir para a construção de um outro mundo, fortalecer e inspirar quem também tava passando por lutas parecidas. então, sucesso virou uma questão de laços: como eu poderia ajudar a construir uma sociedade mais inclusiva e empática? através do ativismo, da educação e de compartilhar minha vivência, percebi que meu sucesso tá ligado ao sucesso dos outros.

mas o caminho não é linear. tem dias que a insegurança ainda aparece e me faz questionar se realmente tô onde deveria. nesses momentos, lembro que sucesso não é um destino, mas uma jornada. cada desafio e cada conquista - mesmo as pequenas - me ajudam a entender mais sobre a vida. o sucesso

é a soma dessas experiências, é continuar avançando, mesmo quando as coisas ficam difíceis.

e, além disso, percebo que sucesso também é reconhecer minhas falhas e aceitar que não tem um único jeito de fazer as coisas. a sociedade muitas vezes tenta colocar a gente em caixinhas, mas venho aprendendo a me libertar dessas expectativas. meu sucesso é ser livre, aceitar quem sou e lutar pra que outras pessoas possam fazer o mesmo.

veados! Se eu conhecesse o termo “transgênero” quando era adolescente na década de 1970, tenho certeza de que o teria agarrado como um colete salva-vidas num mar agitado, mas não existia tal palavra no meu mundo. Mudança de sexo, para mim e para várias pessoas da minha idade, era uma **fantasia**, um **sonho** e, como não tinha nenhuma relação com a nossa realidade, tínhamos que trabalhar ao redor dessa impossibilidade e criar um lar para nós em corpos que não eram confortáveis ou adequados em termos de como nos entendíamos. O termo “corpo errado” era usado com frequência na década de 1980, tendo sido inclusive o nome de um programa da BBC sobre transexualidade, e, por mais ofensivo que o termo possa soar agora, ele ao menos abrigava uma explicação de como pessoas *de gêneros cruzados* [cross-gendered] conseguiam experimentar a corporalidade. Eu, ao menos, senti como se estivesse no corpo errado e parecia não ter escapatória.



José Esteban Muñoz foi um dos mais influentes teóricos queer de nosso tempo, cujas contribuições desafiaram as convenções normativas e abriram caminho para a imaginação de um futuro radicalmente diferente - um futuro que se apresenta como inclusivo e plural. Seu trabalho, especialmente em *Utopía queer - El entonces y allí de la futuridad antinormativa* (2020), destaca-se por sua proposição de uma "utopia queer", que não apenas contesta as normas heteronormativas, mas também visa promover uma transformação profunda nas relações sociais, políticas e culturais.

A reflexão de Muñoz sobre a utopia queer é, em muitos sentidos, uma crítica à maneira como o presente é frequentemente considerado a única realidade possível. Em seus escritos, ele argumenta que a utopia não deve ser encarada como um lugar ou estado ideal que podemos alcançar, mas sim como uma prática de resistência. Essa prática nos convida a reimaginar o que pode ser, a expandir os horizontes da possibilidade humana. Para Muñoz, a utopia queer é uma utopia de afeto, uma visão do futuro que emerge

das experiências marginalizadas de corpos queer e que é impregnada com as potenciais transformações sociais e políticas que vêm com essa vivência.

Ao contrário da visão tradicional de utopia, que muitas vezes é entendida como um estado fixo e imutável, a utopia queer proposta por Muñoz é dinâmica e em constante movimento. É uma perspectiva crítica que transcende as limitações do presente, permitindo que indivíduos e coletivos que estão à margem das normatividades se projetem para um "lá e então" que ainda não existe, mas que é tangível e alcançável por meio da luta e da solidariedade. Ele usa o conceito de "then and there" (o "lá e então") para enfatizar que o futuro queer é um horizonte que podemos vislumbrar, mesmo que ainda não tenha sido completamente realizado.

Muñoz destaca a importância do desejo e da imaginação como motores essenciais na construção de uma nova realidade. Para ele, a utopia queer não é simplesmente um escapismo do mundo atual, mas uma maneira de nos engajarmos com o futuro de forma a desafiar as hierarquias e

injustiças que permeiam o presente. É um convite para que as pessoas reconheçam suas próprias insatisfações com a normatividade e utilizem essas falhas como ferramentas de transformação.

Ele argumenta que é no presente que se torna evidente a falha em se ajustar às normas, e é no presente que temos o poder de redefinir esses limites restritivos. O utopianismo queer não se propõe a desenhar modelos harmônicos para uma sociedade ideal, mas sim a cultivar um espírito de curiosidade imaginativa que permita reconhecer alternativas - mesmo que precárias - à lógica heteronormativa. Os fragmentos da utopia de Muñoz brilham nas vidas cotidianas de quem precisa constantemente se reinventar para sobreviver às opressões sociais. Seu texto vibrante nos convoca a observar as dissidências sexuais e raciais do cotidiano, abraçando as potencialidades que surgem nas relações afetivas, nas artes e nas expressões de solidariedade e resistência.

Essa utopia queer está profundamente enraizada nas experiências de corpos que foram marginalizados,

invisibilizados ou silenciados pelas narrativas dominantes. O "lá e então" que Muñoz propõe é um espaço onde a normatividade sexual, de gênero e racial é constantemente questionada, permitindo o surgimento de novas formas de subjetividade e de socialidade. Através de uma crítica radical à heteronormatividade, ele nos convida a imaginar um futuro onde as identidades queer possam florescer de maneira autêntica e sem as restrições impostas por expectativas sociais opressivas.

Mais importante ainda, a utopia queer de Muñoz não é apenas uma visão idealizada do futuro; é uma forma de resistência ativa no presente. Ele valoriza a arte, a cultura e os movimentos sociais como meios essenciais para a construção de utopias possíveis. Muñoz nos mostra que as performances artísticas, as manifestações de protesto e as formas alternativas de convivência são chaves para a construção de um futuro queer mais justo e vibrante.

Dessa forma, a vivência de uma temporalidade queer, ou mesmo as pulsões utópicas queer, se estabelece por meio

da experiência estética e das produções artísticas dissidentes. Essas obras não apenas profetizam novas possibilidades, mas também materializam no presente mundos, vidas e poéticas que abraçam a diferença. A arte com uma perspectiva queer não apenas reflete desejos passados, mas também provoca outras utopias para o futuro, funcionando como uma forma de "worldmaking" - a produção de mundos.

As criações artísticas que emergem do pensamento queer são, portanto, confrontadoras e imaginativas, lançando luz sobre realidades que já existem, que existiram e que poderão existir. Elas nos oferecem uma nova lente através da qual podemos vivenciar as experiências da vida, além dos limites impostos pelo controle sobre a imaginação e as possibilidades.

O que distingue a utopia queer de Muñoz de outras visões utópicas é sua ênfase nas subjetividades e nas experiências sensoriais, afetivas e emocionais. Baseando-se na vivência das comunidades queer, Muñoz abre espaço para uma utopia visceral, sensível e profundamente ligada à

corporeidade. Nesse espaço, a liberdade de ser e amar sem limitações é central, e a experiência da marginalidade se transforma em fonte de resistência e criação.

Em um contexto onde as lutas por direitos queer, de gênero e de raça são cada vez mais relevantes, a proposta de Muñoz se torna ainda mais vital. A utopia queer que ele imagina não apenas fornece um modelo de esperança crítica e transformação radical, mas também serve como um contrapeso às visões conservadoras que buscam suprimir os direitos das populações marginalizadas. Ela abre espaço para o florescimento de novas formas de subjetividade e coletividade fundamentadas na empatia, diversidade e luta contra a opressão.

À medida que os avanços nos direitos LGBTQIA+ são frequentemente contestados, a utopia queer de Muñoz se apresenta como um refúgio e uma motivação para continuar lutando por um futuro mais inclusivo. Sua utopia é uma resistência que não se limita ao desejo de simplesmente

pertencer, mas ao desejo de criar um mundo onde todas as formas de ser e amar possam coexistir e ser celebradas.

Assim, a utopia queer de José Esteban Muñoz é uma convocação à imaginação, resistência e transformação. Ela nos convida a enxergar o futuro não como um destino intransponível, mas como um campo aberto repleto de possibilidades. Ao celebrar a marginalidade e a diferença, Muñoz nos oferece uma visão de um mundo onde as identidades queer não apenas são reconhecidas, mas florescem em suas formas mais autênticas e libertadoras. O "lá e então" que ele nos apresenta é um convite para lutar, imaginar e construir futuros onde a justiça, o amor e a liberdade possam ser os pilares de uma nova realidade.

Visconti®

BRUNELLO CUCCHI
MILANO

BRUNELLO CUCCHI

BRUNELLO



oi, meu nome é bruno e esse sou eu 1 dia em testosterona.

hoje é dia das mães. poderia ter feito isso em qualquer outro dia, mas a ansiedade não me deixou esperar. tomei a primeira dose antes do evento familiar, e claro que isso acabou virando assunto na roda. eu ainda tava cheio de inseguranças e medo, sem saber muito bem como as pessoas iam reagir. fui levando o processo sem comunicar a ninguém, porque já tava difícil o suficiente pra mim. não queria que a opinião dos outros influenciasse minha decisão. preferi lidar com tudo isso de verdade depois de começar. pra minha surpresa, foi tudo bem tranquilo. as pessoas perguntaram, e eu falei, mas foi de um jeito leve. até agora só tive que lidar com a dor no local da aplicação, que não é nada fácil, mas tudo bem, eu já esperava por isso. to feliz que não desmaiei na aplicação e doeu menos do que uma injeção de benzetacil – só é uma aplicação muito demorada, mas definitivamente não é dolorida.

nas semanas seguintes, fui percebendo umas mudanças sutis. no começo, eram pequenas coisas, como uma leve alteração na minha voz. não era nada radical, e só eu conseguia perceber. às vezes, ao falar, eu notava que tinha uma coisa

arranhando minha garganta e vez ou outra sentia a voz falhar. minha pele também começou a mudar um pouquinho. não sei se era só impressão, mas parecia que tava ficando um pouco mais oleosa. eu sabia que isso podia vir acompanhado de algumas espinhas, e já me preparei mentalmente. mas só apareceu uma. tive pouquíssimas na vida e não sei se agora começarei a ter muitas ou algumas esporádicas. outra coisa que notei foi a minha energia. eu me sentia mais disposto. acordava todo dia já gravando um vídeo para comparar meu rosto e minha voz com o anterior. na ansiedade de capturar qualquer mudança.

tinha dias que me pegava pensando muito nas mudanças futuras. imaginava como ia ser ter a voz mais grave, a barba crescendo e, quem sabe, um corpo que eu amasse. a expectativa era grande, mas ao mesmo tempo, eu sabia que ia levar tempo. cada passo que eu dava era importante, e eu tentava lembrar disso. queria que as coisas acontecessem, mas queria muito curtir o processo e comemorar cada mudança.

oi, meu nome é brune e esse sou eu 30 dias em testosterona.

a primeira mudança perceptível foi a fome. comecei a comer quantidades absurdas de comida. depois fui percebendo que não tava mais oscilando tanto de humor. uma estabilidade que antes eu só tinha conseguido quando tomava ansiolítico. fiquei um tempo comparando com essa época já que também estava notando dificuldade em me sensibilizar com as coisas. mas não demorou muito até que fui me percebendo cada vez mais impaciente. não precisava de muita coisa para que sentisse todo meu corpo tremer de tanta irritação. algo completamente desmedido. situações que antes não me afetavam dessa forma agora parece que vou explodir de tanta raiva. mas já era esperado. to aprendendo a lidar e contando com a compreensão das pessoas que me cercam. não tenho dificuldades em reconhecer e me desculpar quando passo do ponto. acho que isso ajuda.

também tive outras mudanças no primeiro mês. a que mais me preocupava, na verdade. foi a primeira mudança física perceptível. pensei que fosse gerar uma grande insegurança com o meu corpo e que me travasse para estar com alguém

intimamente, mas encontrei uma pessoa tão incrível que a naturalidade dela me fez perceber que a insegurança não era necessária. passado esse medo, consegui gostar da mudança e a brincar com ela.

o aumento da libido é definitivamente uma coisa!

e também a mudança mais aguardada já começava a dar seus primeiros sinais: pequenos, finos, claros e tímidos pelinhos faciais.

mas de tudo isso sinto que a maior mudança foi na atenção as pequenas mudanças. cada minima parte do meu corpo e cada mudança de humor foram observadas. tenho me observado com cuidado e não poderia estar mais feliz.

aguardando ansiosamente os próximos meses.

oi, meu nome é brune e esse sou eu 60 dias em testosterona.

a garganta arranhando agora começa a fazer sentido. fiquei uns 3 dias sem voz alguma por conta de alguma doença e quando voltou, era claramente uma voz mais grossa. a princípio achei que poderia ser ainda uma voz de alguém que tava se curando da garganta, mas ela se manteve assim.

voltei sem voz do aniversário da minha mãe. saímos pra comemorar num espaço novo no centro do rio que tem a proposta de ser um espaço queer. frequentei muito as redondezas quando era adolescente e tava amadurecendo a minha sexualidade. nem nos meus maiores sonhos imaginei que estaria por ali com a minha mãe, num espaço que carrega “queer” no nome. ficava olhando o tempo inteiro pra situação. estava bebendo com minha mãe. rindo e vivendo em um contexto que jamais imaginei ser possível. ouvi minha mãe falando e vivendo também a sexualidade dela ali. surreal. além das pessoas que minha mãe convidou, estava ali alguém especial que eu havia convidado. o reencontro mais gostoso da minha vida. viver tudo isso acompanhado foi ainda mais especial. ainda nem tinha noção do quanto, mas tudo parecia

tão intenso que foi feito um pedido. mas a resposta não foi positiva. não ainda.

as pequenas mudanças seguiam se consolidando. um projetinho de bigode começou a dar as caras. achei que levaria mais tempo. fiquei achando até que poderia ser coisa da minha cabeça por ser uma mudança que eu tanto queria, mas vez ou outra alguém comentava que tava crescendo.

também comecei a sentir que meu ombro tava ficando diferente. não exatamente mais largo, mas indo por aí. um corpo com mais músculos. pela primeira vez em 10 anos eu estava pesando mais de 45kg.

oi, meu nome é bruno e esse sou eu 90 dias em testosterona. parece que vivi anos nesse curto período de tempo. os dias pareciam comportar meses. estava com uma energia e uma vontade de viver que não me recordo de experienciar desde a infância. as noites de sono eram curtíssimas e os dias sempre muito agitados, mas ainda assim não existia cansaço. me sentia mais forte e percebendo alguns músculos marcando na pele. ansiava pelas mudanças e explodia de tanto desejo. quando a resposta, enfim, foi positiva, tudo fluiu na velocidade da luz. parecia fazer sentido. foram tantos anos esperando por esse momento. tudo acontecendo como num sonho. não parecia fazer sentido travar ou adiar mais nada. também me reaproximei de amizades que sempre foram absurdamente importantes pra mim. tem sido o meu maior suporte. de onde eu menos esperava. a reaproximação no momento oportuno também me possibilitou viver em um grupo onde as pessoas me chamavam no masculino. a sensação de acolhimento bem quando eu precisava parecia um sonho. antes não conseguia imaginar que estar vivendo isso era possível e agora parece a realização de algo inimaginável. em meio a todas essas

mudanças. mudei de casa. todo dia abrindo encomendas no meu nome. na minha casa. com a pessoa que eu amo. todo dia parecia um sonho. o maior deles foi no dia da segunda dose de T. fui no centro retirar a testosterona e comprar todo o material para a aplicação. poderia ter feito novamente na farmácia, achei que seria assim pra sempre. foi em casa. estava com meus amigos, meus cachorros e o meu amor. ela estava mais nervosa que eu. fiquei deitado no nosso colchão enquanto esperava ela preparar a dose e nem me atrevi a olhar com medo de ficar nervoso e acabar desmaiando. só conseguia pensar que era muito sortudo por ter encontrado alguém tão incrível que me ama e estava fazendo isso por mim. não sabia dizer se o meu ou o sorriso dela era maior. foi mágico e a amei ainda mais nesse dia.

foi definitivamente o momento que a ficha caiu.

estou vivendo meus maiores sonhos.

oi meu nome é bruno e esse sou eu 120 dias em testosterona.

hoje eu completo quatro meses usando testosterona e, nossa, não sei nem como começar. mesmo com esse tempo, ainda tô num turbilhão de mudanças e sensações novas. parece que o tempo voou desde que comecei, mas ao mesmo tempo tudo mudou de um jeito tão sutil que, muitas vezes, nem percebo o quanto as coisas realmente mudaram.

a primeira coisa que eu notei foi no meu corpo. minha voz já tá mais grave, especialmente quando fico nervoso; às vezes parece até estranho, como se eu estivesse ouvindo outra pessoa falando. e a barba? tá começando a aparecer mais. não é uma grande mudança, mas eu vejo os fios crescendo de um jeito que nunca imaginei. é meio estranho, mas também reconfortante ver meu rosto mudando, como se finalmente estivesse alinhado com o que eu sempre imaginei. pra quem tá de fora, pode parecer pequeno, mas pra mim, é um sonho realizado.

quanto à energia, tô sentindo que minha disposição aumentou. não é uma transformação radical, mas meu corpo parece mais

preenchido e forte. a musculatura tá se desenvolvendo de um jeito que me faz me sentir mais presente no meu corpo, e isso me deixa mais confortável. todas as mudanças contribuíram, mas sinto que essa é a que mais melhorou minha autoestima. algo que eu não sabia que precisava até sentir.

o emocional é um território complicado. a testosterona mexe com meu humor, e não de um jeito previsível. às vezes, sinto uma calma profunda, um foco que antes me parecia meio nebuloso. em outros momentos, a irritabilidade aparece do nada, o que é péssimo, mas não é totalmente novo – talvez só mais intenso. muito mais intenso. tô aprendendo a lidar com esses altos e baixos de um jeito diferente, tentando encontrar um equilíbrio. tentando.

o que tem sido mais profundo, porém, é a relação que eu tenho com o tempo. antes, eu não conseguia entender bem essa urgência de fazer as coisas, de me afirmar, de viver algo que fosse só meu. agora, com a testosterona, sinto que tudo tá mais claro dentro de mim. eu sei melhor o que quero e o que não quero. não sei explicar direito, mas é como se o mundo estivesse mais ao meu alcance, e, ao mesmo tempo, mais

distante, me forçando a olhar pra mim de uma forma mais cuidadosa.

claro, nem tudo é um mar de rosas. tem dias que sinto o peso das expectativas sobre o que significa ser transmasculino e isso pode ser cansativo. rola uma pressão pra eu me encaixar numa ideia do que um homem trans deveria ser. as pessoas acham que agora quero ser um. mas, por outro lado, a testosterona tá me ajudando a reafirmar o que realmente importa pra mim: estar em paz com minha jornada, sem me cobrar demais.

no fim das contas, esses quatro meses têm sido um misto de descobertas, desafios e reafirmações. sinto que tô começando a andar de forma mais firme, e a cada passo, me vejo mais eu mesmo. não é um processo linear, nem sempre é fácil, mas é meu. e, com o tempo, vou aprendendo a me reconhecer cada vez mais nesse corpo que tá se transformando de jeitos pequenos, mas significativos.

oi meu nome é brune e esse sou eu 150 dias em testosterona. mudanças sociais, esse foi definitivamente o mês das mudanças sociais. comecei a notar que de modo geral as pessoas estão tendo mais dificuldade em me definir dentro da binariedade. sempre achei uma certa graça em ver pessoas desconhecidas confusas, mas percebi que isso anda me gerando umas inseguranças.

tenho ficado com medo de situações que gerem desconforto e pavor em pensar em alguma violência. tenho tentado me preparar e preparar as pessoas do meu convívio para os próximos tempos. como será usar o banheiro público? já tive essa conversa com minhas cis-amizades. vamos com certa frequência a lugares públicos e tem ficado cada vez mais desconfortável entrar nos banheiros. até hoje nunca entrei em um banheiro coletivo masculino desacompanhado e a ideia não me agrada. vou adiar ao máximo.

semana passada fui comprar roupas com minha namorada e fomos entrar para provar roupas, assim como fizemos na semana anterior. estava levando umas peças para ela

experimentar, já que ela iria experimentar mais roupas que o limite do provador e na fila mesmo eu falei:

- precisamos nos preparar pro dia que não for mais possível que a gente entre junto.

imaginei que esse dia tava chegando, mas não imaginei que fosse tão rápido. nesse dia eu estava usando moletom e boné, o que eu imagino que tenha contribuído pra situação. ela entrou na minha frente e assim que o rapaz me entregou a ficha do provador, me guiou para a área masculina dizendo perdendo a voz:

- o provador masculino é ali

deu pra notar que ele não estava muito firme na fala, mas eu só segui por não saber como reagir. entrei na cabine com as roupas pra minha namorada e liguei pra ela. ela foi até mim e no mesmo segundo veio uma funcionária atrás dela dizendo que ela não poderia ficar pois era a área masculina. foi absurdamente desconfortável. fiquei mal por colocar ela nessa situação e por não saber reagir. fiquei sentado na cabine sozinho esperando ela mandar mensagem para gente sair dali.

de todas as mudanças, essa tem sido a mais difícil. mas é muito claro que a dificuldade está completamente ligada ao medo de sofrer violência. tudo isso me gera uma tempestade de questões. uma delas domina a minha cabeça.

como habitar essa sociedade?

penso a transição para além do olhar da cisgeneridade colonial - que é esse que espera que a gente saia de um lugar e chegue na outra extremidade, em um ponto único, fixo, estático, que é o território da identidade. onde a maioria das vezes esperam que a gente chegue no lugar da mulher ou, no meu caso, do homem. esperam que novamente habitemos o lugar da binaridade.

pouco me interessa saber ou dizer pra vocês de onde sai, ou pra onde eu estou indo, ou qual caminho é esse que eu estou seguindo com minha transgeneridade. mas o que me interessa é construir um corpo, continuar construindo um corpo capaz de

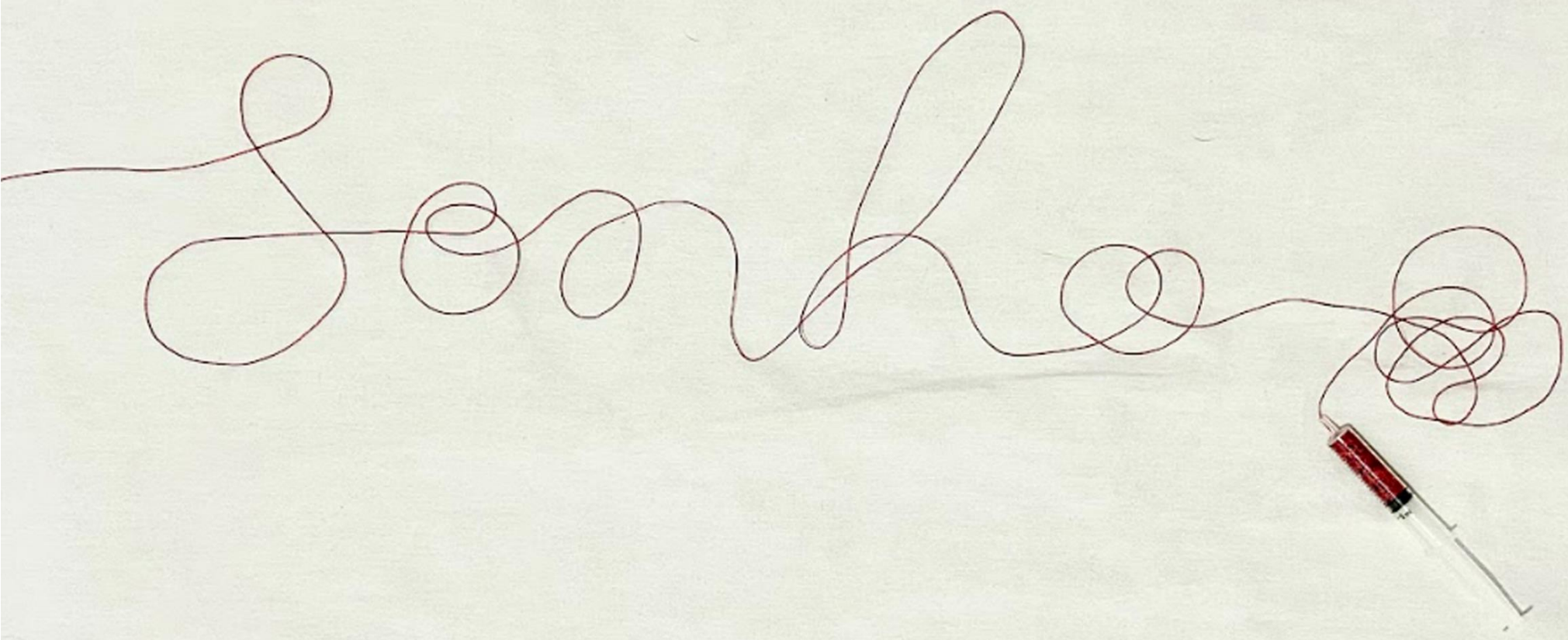
seguir transitando por esses territórios coloniais, esses territórios identitários. e aí nisso entra a questão da transição.

e pra mim transição é sobre conseguir digerir essas relações sociais-coloniais. de forma que nesse percurso seja possível continuar fazendo o que for necessário pra seguir vivendo, se transformando e tudo mais.

acredito que a transição é uma jornada contínua, que pode ser entendida também de modo cíclico, mas principalmente de forma não linear. não há o fim da transição como um único lugar a ser alcançado. toda vez que nosso corpo experimenta essas novas situações, o que acontece é sempre a inauguração de novas possibilidades desses lugares. estamos constantemente alterando a rota, desviando, chegando, partindo, voltando, atravessando, inventando e reinventando. e fazemos isso estrategicamente. para seguir nos encontrando.

oi meu nome é brune







USAR UNA VEZ Y DESTRUIR

5 ml

1 2 3



espero te encontrar nos meus sonhos. venham todes. enquanto o mundo desmorona ao nosso redor, seguiremos juntas. compartilhando nossas histórias e construindo nosso futuro. estamos moldando a história, criando mundos que ainda virão, um emaranhado de vidas, esperanças e sonhos.

e nosso sonhar não é sobre as ilusões da consciência, as ideias distorcidas da imaginação ou os devaneios. o nosso sonhar é antes de tudo uma fabulação, uma potência da ficção, um sonho no limite da linguagem e da visibilidade, um propósito que abre brechas na transição para um novo mundo.

e cada parte nesse trabalho é uma fabulação, um sonho que nos torna capazes de atravessar a realidade e que invoca um povo que ainda não encontrou a própria força. pois quando o peso da história nos oprime e a realidade parece querer nos matar, a arte aparece como uma ferramenta, uma forma de rasgar o real e fazer brotar novas ficções. criar fissuras é, dentre outras coisas, um gesto ativista de ampliar o campo de possibilidades rumo ao impossível, atravessando as fronteiras que até então separavam o imaginado e o inimaginável, o visível e o invisível. diante da ruína e da força do fracasso que

desperta nossa criatividade, nós, artistas-trans-sonhadores, escutamos o espaço que nos convoca a transitar, a compartilhar nossas potências e a promover encontros. invadimos a ruína e a transformamos em nosso lar, criando um híbrido entre o natural e o artificial, para dar vida a um novo corpo que nega a morte e reitera a vida.

que vida?

o sonho para nós é vida. estamos esgotados deste modo de existência que nos foi imposto, deste mundo fracassado que não nos encaixamos. somos estranhos, não pertencemos a este mundo. somos nômades, vagamos entre mundos sem fronteiras, buscando espaços onde possamos ser. somos atemporais, estamos fora do domínio do tempo. somos meteoros, fomos lançados em direção ao mundo para o destruir. somos muitos. uma tempestade de meteoros, estrelas cadentes brilhantes no céu. para ver nosso brilho, é preciso enxergar no escuro de nossas vidas monstruosas. é na penumbra que nós ficcionamos novos mundos, fabulamos novas possibilidades de vida.

quero correr, beber, cantar, dançar, cortar, costurar, pintar, rabiscar, tatuar, pular, rolar, voar, abraçar, beijar e parar. quero poder só parar. e, no momento de pausa, poder respirar fundo e reconhecer meu direito de existir para além da luta pela sobrevivência. desejo ser mais do que tudo o que preciso criar para viver; desejo ser um ser inteiro, uma potência real neste mundo.

assim, espero encontrar vocês para celebrar a vida nas ruínas desse mundo, a cantar com nossas vozes falhas, a brindar ao que somos e ao que ainda podemos e iremos ser. em cada furo, em cada rasgo, em cada costura e em cada cicatriz estamos criando novos mundos, onde a normatividade não tem espaço e a multiplicidade se expande em cada pequeno ato. esse é o nosso sonho.

espero te encontrar nos meus sonhos

EU ❤️ BOYCETA #MASCULINIDADESEMBUCETADAS



Referências:

- AHMED, S. **The promise of happiness**. Durham; Londres: Duke University Press, 2010.
- ARISTÓTELES. **Política**. Lisboa: Vega, 1998.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 3. ed. Salvador: Devires, 2017a.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017b.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pensam**: sobre os limites discursivos do sexo. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CARVALHO, Renata. **Manifesto Transpofágico**. São Paulo: Editora monstra, 2021.
- COLLING, L. Fracasso, utopia queer ou resistência? Chaves de leitura para pensar as artes das dissidências sexuais e de gênero no Brasil. **Conceição/Conception**, Campinas, SP, v. 10, n. 00, p. e021004, 2021. Disponível em: [\(PDF\) Fracasso, utopia queer ou resistência?](#). Acesso em: 01 jun. 2024
- FERREIRA, Glauco B. 'Arte Queer' no Brasil? Relações raciais e não-binarismo de gênero e sexualidades em expressões artísticas em contextos sociais brasileiros. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 206-227, dez. 2016.
- HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: CEPE, 2020.

HALBERSTAM, Jack. The politics of negativity in recent queer theory. **PMLA**, vol. 121, n. 3, pp. 823-824, 2006.

HALBERSTAM, Jack. **Trans***: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero. 1. ed. Salvador: Devires, 2023.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MANHATTAN, Agrippina R. Porque não houve grandes artistas travestis? **DESVIO**, ano 2, n. 3, novembro 2017. Disponível em [\(PDF\) Porque não houve grandes artistas travestis?](#) Acesso em: 01 jul. 2024.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUÑOZ, José Esteban. Fantasmas do sexo em público: desejos utópicos, memórias queer. **Periódicus**, Salvador, n. 8, nov. 2017. Disponível em [\(PDF\) Fantasmas do sexo em público: desejos utópicos, memórias queer](#). Acesso em: 03 jun. 2024.

MUÑOZ, José Esteban. **Utopía queer**. El entonces y allí de la futuridad antinormativa. Buenos Aires: Caja negra, 2020.

NERY, João W. **Viagem Solitária** - Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Editora Leya, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: O som do mundo desmoronando. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. Disponível em: [\(PDF\) Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"](#). Acesso em: 11 abr. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REDE, N. A. M. I. (Ed.). **Hackeando o poder**: Táticas de guerrilha para artistas do Sul global. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

SANTOS, Matheus A. Impotências de uma arte queer. Disponível em: [\(PDF\) Impotências de uma Arte Queer | Matheus Araujo dos Santos - Academia.edu](#). Acesso em: 19 fev. 2024.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

